



Country Embeddedness

Um estudo exploratório sobre as forças que ligam jovens adultos portugueses a Portugal

por

Raquel de Sá Ferreira Geraldes

Dissertação de Mestrado em Economia e Gestão de Recursos Humanos

Orientada por:

Professora Doutora Luísa Helena Ferreira Pinto

2013

Raquel de Sá Ferreira Geraldès nasceu a 8 de Setembro de 1986 na cidade da Póvoa de Varzim onde até hoje reside.

Licenciou-se em 2007 em Ciência Psicológica pela Universidade do Minho, onde concluiu em 2009 o Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, ao abrigo da reestruturação académica do programa de Bolonha. Em Dezembro de 2009 finalizou a Formação Pedagógica Inicial de Formadores, sendo formadora habilitada. Possui ainda uma Pós-Graduação em Psicopatologia da Criança e do Adolescente pelo CRIAP.

Iniciou o seu percurso profissional num Protocolo de Rendimento Social de Inserção, onde ainda hoje exerce funções de Psicóloga. Entretanto teve experiência como orientadora de estágios em Psicologia Clínica pela Universidade do Minho e exerceu psicologia clínica privada em diversos locais.

Assumiu funções de consultora externa no Centro Nuno Martins, em Braga, onde fundou e organizou de raiz o serviço de psicologia, gerindo a equipa; e no projeto de apoio à idade maior, Casa Maior – Póvoa de Varzim, onde prestou assessoria à direção, no que concerne à gestão estratégica e de recursos humanos e formação à equipe.

Agradecimentos

À Professora Doutora Luísa Pinto pela orientação, estímulo e paixão.

Aos participantes, pela disponibilidade e abertura.

Aos João Trocado e Tiago Martins pelos contactos.

À Elisabete, pela partilha.

À Filipa, pelos contactos, pela amizade e pela crença.

Ao Diogo pelos estímulos imprevistos.

Ao Marco, ao Fifas e ao Patas pela viagem.

Resumo

Este estudo explora e desenvolve o conceito de *country embeddedness*, numa amostra de 26 jovens adultos portugueses qualificados, residentes em Portugal e no estrangeiro, pretendendo conhecer os aspetos que favorecem ou prejudicam a sua relação com o país e as diferenças existentes entre os dois grupos.

Utilizando uma metodologia qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas e *focus group*, foi possível aferir a existência de três dimensões na atual relação dos participantes com Portugal, tendo a grelha teórica do *embeddedness* demonstrado ser adequada aos propósitos do estudo.

O constructo de *country embeddedness*, definido como as forças que ligam um indivíduo a um país, neste caso o de origem, surge como teoricamente pertinente e distinto. São aspetos individuais, culturais e do país e conjunturais que determinam a posição do indivíduo num *continuum* de *country embeddedness*. A natureza circunstancial e compósita do constructo é inegável.

Os portugueses percecionam-se *country embedded*, embora admitam a existência de mais fatores que contribuem para a saída e permanência no estrangeiro do que para a permanência e regresso a Portugal, o que reforça a distintividade do conceito. Na comparação entre os grupos, a relação entre *host-country embeddedness* e o *home-country embeddedness* e a natureza do primeiro parecem determinar largamente o *country embeddedness* dos residentes no estrangeiro. Os residentes em Portugal manifestam-se altamente *country embedded*, sendo os aspetos conjunturais aqueles com maior peso negativo na relação com o país.

Sendo o primeiro estudo conhecido neste domínio, ele abre caminho para que outros investigadores se debrucem sobre a relevância que o *country embeddedness* pode assumir no contexto individual, organizacional, nacional e transnacional em diversas áreas do conhecimento. De ressaltar que as conclusões deste estudo devem ser interpretadas à luz das suas limitações, nomeadamente a dimensão da amostra, ainda que possibilitem uma reflexão fundamentada e pertinente sobre a temática.

Abstract

This study aimed to explore the concept of *country embeddedness*. Using a sample of Portuguese young adults (N=26) currently living in Portugal and abroad (self-assignees), this work explores the factors that favours or prejudice the relationship with home-country and the differences between both groups.

Applying a qualitative methodology, with semi-structured interviews and focus groups, we were able to assess three dimensions in the current Portuguesees relationship with Portugal. The theoretical grid of *country embeddedness* has shown to be adequate to this purpose.

The construct of *country embeddedness*, defined as the forces that embedded an individual to a country, in this case his home-country, has demonstrated to be pertinent and distinct. Individuals, cultural and country, and conjuncture aspects determine the individual position in a *continuum* of *country embeddedness*. The construct is circumstantial and composite.

Portuguese young adults perceive themselves as country embedded, although they admit the existence of a major number of factors that further enhances their intentions to leave and/or stay abroad than to stay and/or return to Portugal. This finding corroborates the pertinence and distinctiveness of *country embeddedness*. Comparing the two groups, the relationship between the *host-country embeddedness* and *home-country embeddedness* and the nature of the first one interfere in the *country embeddedness* of self-assignees. The residents in Portugal have demonstrated a high *home-country embeddedness*. The conjuncture aspects were the ones with more negative weight in the relationship with country.

As the first known study in this field, this work opens a way to other researchers to look into the relevance that *country embeddedness* may assume in individual, organizational, national and transnational contexts of different areas of knowledge. The limitations of this study, namely the sample dimension, preclude the results significance, but not the fundamental and pertinent reflection about them.

Índice

Introdução	8
Enquadramento Teórico	10
1. Teorias de <i>Embeddedness</i>	10
1.1 <i>Job e Occupational Embeddedness</i>	11
1.2 <i>Social, Cultural and Family Embeddedness</i>	14
1.3 <i>Country Embeddedness</i>	16
1.4 Questões teóricas sobre o constructo de <i>embeddedness</i>	18
2. O contexto português: <i>portuguese country embeddedness</i>	23
2.1 A Atual Conjuntura Socioeconómica em Portugal.....	24
2.2 A tradição emigratória	25
2.3 Os portugueses e Portugal	27
Metodologia	31
1. Procedimento de recolha de dados	31
2. Participantes na investigação	33
3. Análise dos Dados	34
Resultados.....	36
1. <i>Country Embeddedness</i> : Ligação, Retenção e Retorno	36
1.1 Ligação ao País.....	37
1.2 Retenção no país.....	42
1.3 Retorno ao país	45
2. Diferenças e similaridades no <i>Country Embeddedness</i> de residentes em Portugal e no estrangeiro	50
2.1 Ligação ao país.....	51
2.2 Retenção no país	56
2.3 Retorno ao país	59
Discussão dos Resultados.....	65
1. <i>Country Embeddedness</i> : o que liga os Portugueses a Portugal?	65

2. Diferenças e Semelhanças no <i>Country Embeddedness</i> de residentes em Portugal e no Estrangeiro.....	69
Conclusão: Limitações e Contributos.....	72
Bibliografia	75
Anexos	83
Anexo I	83
a. Questionário Sociodemográfico.....	83
b. Guião de Entrevista.....	84
Anexo II.....	87
Tabela IIa – Nº de Participantes com unidades de análise cotadas na categoria principal Ligação e subordinadas	87
Tabela IIb – Nº de Participantes com unidades de análise cotadas na categoria principal Retenção e subordinadas	89
Tabela IIc – Nº de Participantes com unidades de análise cotadas na categoria principal Retorno e subordinadas	90

Introdução

A globalização influenciou nos fluxos de mobilidade internacional, facilitando-os e incrementando-os (Richardson e McKenna, 2006). Acrescendo ao fenómeno de emigração, a expatriação, ou seja, a mobilidade internacional temporária por motivos profissionais, assume uma maior relevância, à qual não têm ficado alheios os estudiosos das mais diversas áreas relacionadas com a economia, a gestão e o comportamento humano (Lewin e Zhong, 2013). Alguns teóricos sugeriram que a maior expressão destes fenómenos pudesse contribuir para a convergência de culturas, padrões e mercados, no entanto, as diferenças entre regiões, culturas e sociedades não parecem ter sido atenuadas com a globalização (Meyer, Mudambi, e Narula, 2011)

A noção de *embeddedness*, tradicionalmente aplicada ao ramo económico, e portanto aos fatores de emaranhamento social que influenciam o sucesso da atividade económica, tem sido explorada noutros domínios (Granovetter, 1985). O *job embeddedness*, correspondente às forças que ligam e retêm um indivíduo numa organização, tem-se revelado um bom preditor do *turnover*, designadamente em contexto internacional (Mitchel, Holtom, Sablinski e Erez, 2001). Assim, o quadro teórico do *embeddedness* permite interpretar a relação que os indivíduos estabelecem com o seu país de origem como um emaranhamento, uma rede de forças que incita à proximidade física e emocional e à permanência (Lo, Wong, Yam, e Whitfield, 2012).

No contexto português, os fenómenos migratórios, tradicionalmente complexos, continuam a fazer-se sentir atualmente, tal como confirmam as estatísticas do Instituto Nacional de Estatística. Apesar da cultura e da identidade portuguesas terem sido alvo de curiosidade e interesse por teóricos e empíricos das mais diversas áreas e nacionalidades (Almeida, 2004), o estudo da ligação dos portugueses a Portugal, com consequência nas razões que os conduzem a partir ou a ficar, permanece ainda incipiente.

Se num contexto de crescimento económico, sem alterações demográficas significativas, seria benéfico para as organizações, relevante para as entidades políticas, cativante para os cidadãos e aliciante para a comunidade científica, saber o que liga os indivíduos ao seu país, podendo ou não retê-los, num contexto socioeconómico e político débil, como o português, em que se assistem a movimentos emigratórios e de

expatriação acentuados, este estudo assume uma relevância acrescida e uma utilidade inquestionável.

Ao longo deste trabalho procurar-se-á explorar o conceito de *country embeddedness*, ou seja, as dimensões que compõem a rede de forças que incita à proximidade física e emocional e à permanência em Portugal, de jovens adultos ativos portugueses.

Importa esclarecer que o termo *embeddedness* não foi traduzido por (1) não ter sido encontrada investigação nacional que se debruçasse sobre o conceito e o tivesse adaptado e por, (2) consultados peritos em tradução, não ter sido encontrado um termo equivalente em português que respeitasse integralmente o significado original. Assim, ao longo das diversas secções serão utilizados os termos originais em inglês na aplicação do conceito de *embeddedness* aos diversos contextos, inclusive, o objeto deste trabalho, o *country embeddedness*, aplicado como referente ao país de origem.

Este trabalho encontra-se organizado em quatro secções. A primeira secção dedicar-se-á à exploração da literatura relevante no domínio do conceito de *embeddedness* e do contexto da presente investigação, o contexto português na atualidade. Seguir-se-á a apresentação das questões de investigação, da metodologia utilizada e dos resultados. Os mesmos serão discutidos à luz da literatura consultada, sendo depois refletidas as principais conclusões e limitações do estudo. Serão, finalmente, conferidas algumas recomendações e sugestões para investigação futura.

Enquadramento Teórico

As teorias desenvolvidas em torno do conceito de *embeddedness* têm demonstrado a sua pertinência para a exploração e para a melhor compreensão dos fatores que contribuem para o entrosamento de agentes ativos individuais ou coletivos em contextos dinâmicos. A riqueza desta plataforma teórica está, porém, longe de se esgotar nos já inúmeros estudos que a aplicam aos mais variados contextos (Mitchel *et al.*, 2001). No contexto teórico-empírico português, não são conhecidos trabalhos que se debrucem sobre ela ou dela tirem partido.

Importa assim começar por descrever as diferentes abordagens ao conceito de *embeddedness* no contexto da investigação internacional, distinguindo-o de outros semelhantes. Será abordada a sua origem sociológica, passando pela aplicação ao contexto organizacional, cultural e comunitário, e finalizando-se com a referência ao *country embeddedness*. Será esclarecida a abordagem ao constructo adotada neste trabalho, sendo discutidas algumas questões teóricas relevantes.

Constatado o *gap* teórico no que concerne à ligação entre os indivíduos e o país de origem, numa perspetiva de *country embeddedness*, com influência nas decisões de partir e ficar, será descrito o contexto do presente estudo, com destaque para a atualidade portuguesa, a tradição emigratória e alguns temas estudados no âmbito da ligação dos portugueses a/com Portugal, em outros contextos.

1. Teorias de *Embeddedness*

A Teoria das Figuras Embebidas (*Embedded Figures Theory* - Lewis, 1951) preconizou que o indivíduo se vê a si mesmo como estando envolvido numa rede de forças e conexões, sendo possível estar vinculado a diferentes forças com maior ou menor grau de intensidade. A adoção do termo *embeddedness*, nas suas diferentes assunções e por teóricos e empíricos de diferentes áreas, remete sempre e incondicionalmente para esta ideia original de emaranhamento.

O termo *embeddedness* surgiu primeiramente na literatura sociológica (Granovetter, 1985), nomeadamente na variante da sociologia económica, com a pretensão de explicar o papel das ações e ligações sociais na ação e no sucesso económicos (Mitchel *et al.*, 2001).

Embora a indefinição e inespecificidade do termo tenha já sido apontada como limitação à sua aplicação (Hess, 2004), o seu significado remete invariavelmente para o grau e a qualidade do emaranhamento de sujeitos (agentes), essencialmente indivíduos ou organizações (Portes e Sensenbrenner, 1993), em diferentes realidades, grupos ou locais (p. e. organizações, profissões e comunidades; Edmonds, 1999; Moody e White, 2003). No entanto, ainda que surja aplicado a realidades diferentes e seja até classificado segundo diferentes tipologias, a robustez do constructo tem-se afirmado com a aplicação efetiva a diferentes áreas e contextos onde o ser humano se move (Hess, 2004). Além da sociologia económica, o conceito tem sido estudado em áreas como suporte social, processos e políticas de saúde, demografia familiar, criminologia e gestão internacional (Edmonds, 1999; Moody e White, 2003).

Aplicada ao contexto da mobilidade internacional, esta problemática merece um especial realce, não pela relevância das taxas de *turnover*, já explorada em diversas investigações (Christensen e Harzing, 2004; Harzing, 1995), mas pelos elevados custos que a não-aceitação e o abandono precoce de uma missão internacional têm, sejam estes de elevada ou parca expressão (Tanova e Holtom, 2008; Zhang, Fried, e Griffeth, 2012).

Apesar da diversidade descrita, é possível verificar a maior exploração dos efeitos do *embeddedness* do que dos seus antecedentes. Com efeito, o conceito tem sido estudado como precursor do *turnover* (Lo *et al.*, 2012; Mitchel *et al.*, 2001; Ramesh e Gelfand, 2010; Reiche *et al.*, 2010; Tanova e Holtom, 2008), da intenção de partir (Halbesleben e Wheeler, 2008), da *performance* (Ng e Feldman, 2009) e do compromisso organizacional (Knippenberg e Sleenbos, 2006), do empreendedorismo (Aldrich e Cliff, 2003), das decisões éticas (Thorne e Saunders, 2002), da estabilidade das relações interpessoais (Feld, 1997), da coesão social (Moody e White, 2003), da ação e do sucesso económicos (Portes e Sensenbrenner, 1993). Menos estudos exploram os antecedentes do *embeddedness*, o que pode relacionar-se com a parca investigação do conceito (Zhang *et al.*, 2012).

1.1 Job e Occupational Embeddedness

A Teoria do *Job Embeddedness* surge como uma resposta alternativa à problemática do *turnover* no contexto organizacional (Mitchel *et al.*, 2001). Apoiada na definição

original de *embeddedness*, esta teoria olha o indivíduo como emaranhado numa complexa rede de relações e vinculações que o retêm (Tanova e Holtom, 2008).

Peltokorpi (2003) enaltece o que de positivo o conceito de *embeddedness* vem trazer ao estudo da problemática do *turnover*. Segundo a autora, esta foi a primeira abordagem teórica a debruçar-se sobre as motivações que conduzem o trabalhador a permanecer na organização, por contraste à abordagem tradicional debruçada sobre as motivações que conduzem o trabalhador a abandoná-la.

Apesar de recentemente desenvolvido por Mitchell *et al.* (2001), o conceito de *job embeddedness* tem merecido a atenção da comunidade científica. A sua definição, com apresentação formal diferente por diferentes autores, revela-se em essência una, como a seguir se ilustra:

“...we can describe job embeddedness as like a net or a web in which an individual become stuck”

(Mitchel *et al.*, 2001, p.1104)

“the totality of forces that keep people in their current employment situations”

(Feldman e Ng, 2007, p.353)

“... a broad constellation of psychological, social and financial influencies on employee retention”

(Zhang *et al.*, 2012, p.221)

Explorando o conceito de *embeddedness*, parece ser possível identificar três forças relativas à organização e à comunidade, que se organizam em seis fatores e contribuem para a retenção dos trabalhadores numa organização, conforme se descreve no Quadro 1.

Quadro 1 – Dimensões e fatores do *Job Embeddedness*

(Fonte: Elaboração própria a partir de Feldman e Ng, 2007; Mitchell *et al.*, 2001; Yang, C., Ma, Q., e Hu, L., 2011; Zhang *et al.*, 2012)

Dimensões	Âmbito	Definição
Adequação/Encaixe (Fit)	Organização (<i>On-the-job factors</i>)	Compatibilidade percebida pelo trabalhador entre si mesmo e a organização (p.e. valores, cultura, práticas e clima)

	Comunidade (<i>Off-the-job factors</i>)	Compatibilidade percebida pelo trabalhador entre si mesmo e a comunidade (p.e. crenças religiosas, hábitos de lazer, ambiente, atividades lúdicas)
Ligações (<i>Links</i>)	Organização (<i>On-the-job factors</i>)	Conexões interpessoais informais e formais estabelecidas no contexto organizacional (p.e. colegas de trabalho, clientes, superiores hierárquicos)
	Comunidade (<i>Off-the-job factors</i>)	Conexões interpessoais informais e formais estabelecidas no contexto da comunidade (p.e. família, amigos, grupos religiosos)
Sacrifício (<i>Sacrifice</i>)	Organização (<i>On-the-job factors</i>)	Custo (psicológico, social e/ou material) percebido pelo trabalhador no caso de abandonar a organização (p.e. vencimento)
	Comunidade (<i>Off-the-job factors</i>)	Custo (psicológico, social e/ou material) percebido pelo trabalhador no caso de abandonar a comunidade (p.e. distância da família)

Como se observa no Quadro 1, as três dimensões do conceito de *embeddedness* – *adequação/encaixe*, *ligações* e *sacrifício* – representam os três tipos de forças que, ligando o indivíduo à comunidade e/ou posto de trabalho, contribuem para retenção do trabalhador numa organização.

A dimensão de *adequação/encaixe* remete para o sentimento de compatibilidade entre o trabalhador e o posto de trabalho ou comunidade, ou seja, em que medida ele sente que se adequa e encaixa nestes contextos. Quanto maior o sentimento de adequação, maior o *embeddedness* (Feldman e Ng, 2007; Mitchell *et al.*, 2001; Yang *et al.*, 2011; Zhang *et al.*, 2012).

A dimensão de *ligações* remete para as conexões formais e informais que o indivíduo detém na organização ou na comunidade. Entende-se que quanto maior o número de ligações, maior o *embeddedness* (Feldman e Ng, 2007; Mitchell *et al.*, 2001; Yang *et al.*, 2011; Zhang *et al.*, 2012).

Finalmente, a dimensão de *sacrifício* remete para o custo percebido pelo trabalhador no caso de abandonar a organização ou a comunidade, sendo que este custo poderá ser

entendido como psicológico (p.e. ligação emocional à empresa ou comunidade), social (p.e. perda da possibilidade de pertencer a grupos) e/ou material (p.e. perda da casa ou do vencimento auferido). Entende-se que quanto maior o sacrifício percebido pelo trabalhador, maior o *embeddedness* (Feldman e Ng, 2007; Mitchell *et al.*, 2001; Yang *et al.*, 2011; Zhang *et al.*, 2012).

O conceito de *embeddedness* no contexto da vida profissional dos indivíduos foi ainda aplicado à profissão, designando-se *occupational embeddedness* – conjunto de forças que mantêm um indivíduo ligado a uma profissão (Feldman e Ng, 2007). Numa revisão da literatura, Feldman e Ng (2007), distinguem os conceitos de *job* e *occupational embeddedness*, relacionando-os teoricamente com fatores conjunturais e estruturais económicos e do mercado de trabalho, fatores demográficos, fatores individuais (p.e. género, faixa etária, locus de controlo, traços de personalidade, estilo de vinculação...), fatores relacionais (suporte familiar e social, apoio na resolução de conflitos...) e fatores organizacionais e do trabalho. Nesta revisão, os autores agrupam investigações anteriores nos domínios enumerados, numa tentativa de clarificar os conceitos e associá-los à mobilidade e ao sucesso profissionais.

Zhang *et al.* (2012) resumizam as críticas conceptuais ao constructo de *job embeddedness* e suas dimensões, alertando para a necessidade de investigações futuras sobre o mesmo e, em particular a sua aplicação ao contexto organizacional. Os autores salientam a necessidade de ponderar a qualidade mais do que a quantidade das *ligações*; a necessidade de discriminar e operacionalizar mais acutilantemente as dimensões de *adequação* e *sacrifício*; a necessidade de escrutinar o papel das diferenças culturais na expressão do *job embeddedness*; e por fim, a necessidade de discriminar o conceito de comunidade e ponderar o papel de fatores moderadores na relação entre *community embeddedness* e *turnover*.

1.2 Social, Cultural and Family Embeddedness

O conceito de *social embeddedness*, definido como a rede de relações e determinantes sociais mantidas pelos agentes económicos, remete essencialmente para a definição original de *embeddedness* e, portanto, para o papel que o emaranhamento das organizações nas sociedades onde se integram pode desempenhar no sucesso económico

(Portes e Sensenbrenner, 1993). A ideia de que não só a economia influencia o sucesso das empresas foi equacionada, tendo-se tornado uma linha teórica e de investigação frutífera na aplicação a diversos negócios e com dimensões díspares (Gill, 2013; Hess, 2004; Portes e Sensenbrenner, 1993; Rai, Maruping e Venkatesh, 2009; Waldinger, 1995).

O conceito de *cultural embeddedness*, definido como a rede de aspetos culturais (símbolos, valores...) em que um agente se encontra envolvido (Weir e Hutchings, 2005), remete para o maior ou menor emaranhamento com uma cultura, tendo já sido aplicado em termos individuais e organizacionais. Embora os estudos disponíveis se demonstrem díspares e alheios ao objetivo de estudar a natureza e robustez do conceito de *cultural embeddedness* importa descrevê-los brevemente no sentido de conhecer a aplicabilidade do constructo.

Weir e Hutchings (2005), num estudo com gestores chineses e árabes, concluíram que *‘Managers and management are alike cultural products. All management behaviour takes place and all management attitudes are rooted in a specific cultural context’* (p. 89). Thorne e Saunders (2013) estudaram o efeito do *cultural embeddedness* na racionalidade ética dos indivíduos, comprovando-o empiricamente e indicando a relevância do conceito para o estudo das escolhas e comportamentos individuais. Numa perspetiva organizacional, Schwartz (2009) tentou identificar as causas do maior ou menor grau de *cultural embeddedness* em diferentes culturas, sendo que as culturas caracterizadas por maior grau de *cultural embeddedness* eram aquelas com maior heterogeneidade étnica e onde o islamismo era a religião principal. Já estudos anteriores, debruçados sobre o conceito de *job embeddedness*, haviam identificado a relevância de aspetos culturais (valores, características...) na forma como os trabalhadores se sentiam entrosados na organização (Peltokorpi, 2003).

O conceito de *embeddedness* foi também aplicado à família, embora não se conheçam estudos que se debrucem unicamente sobre o tema do *family embeddedness*. O termo surge como variável explicativa do empreendedorismo (Aldrick e Cliff, 2003) e, mais recentemente, como um dos elementos que distingue as culturas individualistas das coletivistas (Ramesh e Gelfand, 2010).

Numa proposta teórica debruçada sobre importância que o *family embeddedness* poderá desempenhar no empreendedorismo, Aldrick e Cliff (2003) criticaram a negligência da comunidade científica perante a relevância da aplicação do conceito de *embeddedness* à família, enquanto unidade social básica. Os autores, depois de uma revisão bibliográfica acerca do conceito de *embeddedness* e das alterações na família tradicional norte-americana, propuseram a exploração desta relação em futuros estudos. A aplicação do conceito de *family embeddedness* associa-se à de *structural embeddedness* que enfatiza que uma relação entre indivíduos é definida pela extensão em que estes se relacionam com outros similares e praticam atividades comuns (Feld, 1997). Sem dúvida que no contexto da família, estes requisitos permanecem ao longo do tempo.

Mais recentemente Ramesh e Gelfand (2010) propuseram a necessidade de acautelar a aplicação do modelo de gestão de conhecimento de Nonaka e Takeuchi (1997) de forma similar a culturas individualistas e coletivistas. Nas suas conclusões, os autores alertaram para a relevância dos gestores atenderem ao *family e cultural embeddedness* dos trabalhadores, tendo proposto formas de envolver a família na vida organizacional.

1.3 Country Embeddedness

No âmbito da investigação em gestão internacional de recursos humanos e no seguimento das propostas acerca do constructo de *job embeddedness* (Zhang *et al.*, 2012), Lo *et al.* (2012) exploraram as dimensões *off-the-job* do conceito com o objetivo de explicar, de forma mais completa, as decisões de *turnover* dos expatriados. Num estudo com 210 *self-assignees*, os autores apresentaram pela primeira vez os conceitos de ‘*home-country community embeddedness (HomeCCE)*’, ‘*host-country organization embeddedness (HostCOE)*’ e ‘*host-country community embeddedness (HostCCE)*’, esperando que a decisão de *turnover* dependesse tanto do *embeddedness* na comunidade atual (de destino) como do *embeddedness* na comunidade de origem.

Assim, assumindo que a decisão de permanecer ou sair do país de destino se poderia associar positiva e/ou negativamente ao *embeddedness* com o país de origem e de destino, Lo *et al.* (2012) esperaram, por exemplo, que quanto mais *embedded* estiver o indivíduo no país de origem maior será a intenção de regressar; inversamente quanto mais *embedded* estiver o indivíduo no país de destino menos intenção terá de regressar,

sobretudo se a permanência no destino for um meio para garantir melhores condições de vida à família. Esta possibilidade remete também para o conceito de *family embeddedness* já discutido.

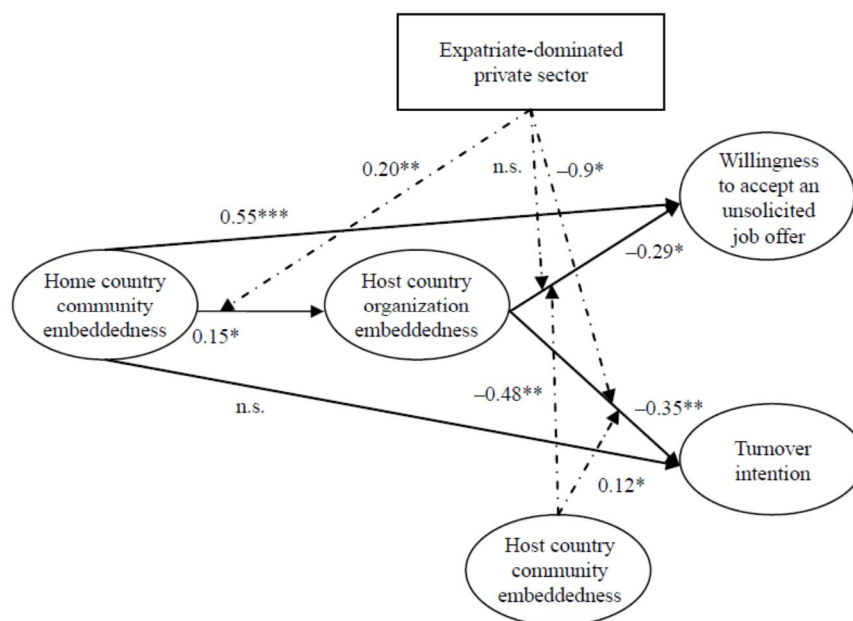
Os resultados (cf. Figura 1) apontaram para que a relação entre o *home-country community embeddedness* e o *turnover* seja totalmente mediada pelo *host-country organizational embeddedness*. Quando o *home-country community embeddedness* é elevado, o *host-country community embeddedness* tende também a sê-lo, sendo que, nestes casos, as intenções de *turnover* são menores.

A relação entre o *home-country community embeddedness* e a vontade em aceitar uma nova proposta de trabalho demonstrou ser parcialmente mediada pelo *host-country organization embeddedness*, o que indica que o *embeddedness* no país de destino pode amortecer o efeito de possíveis choques culturais e da intenção de sair.

Destaca-se ainda que o *host-country organization embeddedness* surge como um fator vital na decisão de *turnover* dos *self-initiated expatriates*.

Figura 1 – Modelo Teórico Country Embeddedness e Turnover

Fonte: Lo *et al.*, 2012, p.15



As conclusões do estudo sugerem que o *home-country embeddedness* se associa positivamente ao *host-organization embeddedness*, contribuindo para diminuir as intenções de *turnover*, o que demonstra a complexidade destas relações e a necessidade de uma maior exploração empírica destes domínios.

Com efeito, pese embora a questão do *embeddedness* a países, nomeadamente no contexto da investigação em gestão internacional, já ter sido abordada, a sua investigação permanece incipiente.

1.4 Questões teóricas sobre o constructo de *embeddedness*

Tendo em conta a revisão efetuada e o objetivo de explorar o constructo de *country embeddedness*, constatada a sua proximidade a outros constructos, impôs-se a necessidade de distinguir o conceito de *embeddedness* dos seus próximos. No Quadro 2 encontram-se definidos estes constructos, organizados segundo as aplicações já discutidas para o conceito de *embeddedness*.

Quadro 2 – Distinção entre o constructo de *embeddedness* e outros similares

Conceito	Definições e Autores	Aspetos diferenciadores do conceito de <i>embeddedness</i>
Por comparação ao constructo de <i>social embeddedness</i>:		
Identidade / Identificação Social (<i>social identity</i>)	“(…) <i>that part of an individual’s self-concept which derives from knowledge of is membership of a social group (or groups) together with the emotional significance attached to the membership.</i> ” (Tajfel, 1974, p. 69)	O constructo de identidade social induz a noção de fusão entre o indivíduo e o grupo, sendo que este último se confunde com o <i>self</i> . Tal não reflete o constructo de <i>social embeddedness</i> que, aplicado ao contexto individual, aponta para as forças que ligam e retêm um indivíduo numa sociedade ou contexto social, mas não o confundem com esse coletivo.

Conceito	Definições e Autores	Aspetos diferenciadores do conceito de <i>embeddedness</i>
Por comparação aos constructos de <i>job/organizational embeddedness</i>:		
Compromisso organizacional (<i>organizational commitment</i>)	“ <i>the psychological link between individual and organization</i> ” (van Knippenberg e Sleebos, 2006, p. 573)	Apesar de também se correlacionar negativamente com o <i>turnover</i> (Mitchell <i>et al.</i> , 2001), o <i>commitment</i> tem sido aplicado a temas unicamente organizacionais. Acresce o facto de, neste contexto, as dimensões afetiva e normativa se distanciarem teoricamente do constructo equivalente de <i>job/organizational embeddedness</i> .
	Allen e Meyer, 1990 - 3 dimensões de compromisso:	
	“ <i>The affective component of organizational commitment, proposed by the model, refers to employees' emotional attachment to, identification with, and involvement in, the organization.</i> ” (Allen e Meyer, 1990, p.1)	A dimensão afetiva refere-se ao facto do indivíduo gostar do seu posto de trabalho, ou seja, a manutenção no cargo justifica-se pelos afetos e sentimentos positivos nutridos pela organização. Ora, pese embora alguns aspetos do <i>community embeddedness</i> possam englobar sentimentos e afetos positivos, eles podem também incluir julgamentos não afetivos (Mitchell <i>et al.</i> , 2001). Segundo os autores (Mitchell <i>et al.</i> , 2001), o conceito de <i>embeddedness</i> não é essencialmente afetivo.
	“ <i>Finally, the normative component refers to employees' feelings of obligation to remain with the organization.</i> ” (Allen e Meyer, 1990, p.1)	A dimensão normativa do constructo de compromisso, por seu lado, remete para um sentido de obrigação, ou seja, a permanência no cargo justifica-se porque o indivíduo se sente obrigado a fazê-lo. No caso do constructo de <i>job embeddedness</i> , embora alguns aspetos da dimensão de <i>links</i> se possam reportar a um sentido de obrigação, como o caso de fazer parte de uma equipa de trabalho, esta dimensão não se reduz a esse sentido, ultrapassando-o (Mitchell <i>et al.</i> , 2001).

Conceito	Definições e Autores	Aspetos diferenciadores do conceito de <i>embeddedness</i>
	<p>“<i>The continuance component refers to commitment based on the costs that employees associate with leaving the organization.</i>” (Allen e Meyer, 1990, p.1)</p>	<p>Finalmente, embora a dimensão de continuidade do constructo de compromisso e a dimensão de sacrifício do de <i>job embeddedness</i> se aproximem conceitualmente, a forma como se acede a cada uma delas, nomeadamente através dos itens de uma escala difere no grau de especificidade. Segundo os autores, quando se utiliza a escala de <i>job embeddedness</i> avalia-se de forma muito mais específica a natureza da dimensão sacrifício e, portanto do próprio constructo.</p>
<p>Identidade Organizacional (<i>organizational identity/ identification</i>)</p>	<p>“<i>The extent to which individuals define the self in terms of the membership in the organization is reflected in the concept of organizational identification, the perceived oneness with the organization. Organizational identification thus reflects the psychological merging of self and organization</i>” (van Knippenberg e Sleebos, 2006, p. 572)</p>	<p>Ainda que possa ser confundida com a noção de <i>organizational embeddedness</i>, e particularmente com a sua dimensão de encaixe/adequação (<i>fit</i>), a identidade/identificação organizacional assume um significado mais profundo do que o primeiro. Enquanto a identidade remete para a fusão entre o <i>self</i> e a organização ou o posto de trabalho, o <i>embeddedness</i>, em particular a dimensão de encaixe, remete para a compatibilidade entre o indivíduo e o posto de trabalho, no que concerne a aspetos específicos (Mitchell <i>et al.</i>, 2001).</p>

Conceito	Definições e Autores	Aspetos diferenciadores do conceito de <i>embeddedness</i>
Satisfação Organizacional (<i>organizational satisfaction</i>)	“(…) <i>job satisfaction</i> represents a feeling that appears as a result of the perception that the job enables the material and psychological needs” (Aziri, 2011, p. 78)	<p>O foco da satisfação encontra-se nos fatores organizacionais e não e aspetos exteriores à organização (Mitchell <i>et al.</i>, 2001), ao contrário do que acontece com o <i>job</i> e o <i>organizational embeddedness</i>.</p> <p>Existem inúmeras abordagens teóricas e de medida ao conceito de satisfação, com múltiplas dimensões identificadas (Mitchell <i>et al.</i>, 2001). Estas dimensões do constructo de satisfação incluem atitudes afetivas em relação ao ambiente de trabalho, colegas e superiores hierárquicos. Embora a dimensão de sacrifício do constructo <i>job embeddedness</i> possa incluir aspetos afetivos, ela não se limita a estes, à semelhança do que sucede quando considerado o conceito de compromisso (Mitchell <i>et al.</i>, 2001)</p>

Esclarecida a distintividade do constructo de *embeddedness* e tendo em conta que o presente trabalho se dedica à exploração do conceito de *country embeddedness* numa realidade particular - a relação com o país de origem -, importa atender às premissas que aqui o norteiam e segundo as quais ele deverá ser entendido neste estudo (Mitchell *et al.*, 2001; Ng e Feldman, 2009).

As críticas já discutidas ao constructo reforçam a necessidade de o estudar por si só, antes de o relacionar com antecedentes ou consequências, o que ilustra a pertinência deste trabalho. Ainda que o constructo possa contribuir para a explicação, pelo menos em parte, das decisões de partir ou ficar (Zhang *et al.*, 2012), ele indicia na sua definição independência e distintividade teóricas, sendo que o estudo dos seus componentes, particularmente no contexto de países e, especificamente, do país de origem, permanece por explorar.

Neste trabalho, o conceito de *embeddedness* será abordado numa perspetiva compósita (Ng e Feldman, 2009), procurando atender aos aspetos que o constituem, no que respeita à relação dos indivíduos com o seu país de origem e àquilo que contribui

para a força dessa ligação. Seguindo a concetualização de Mitchell *et al.* (2001) no que respeita ao *job embeddedness*, o presente trabalho presume a existência de uma rede de aspetos/forças (p.e. familiares, profissionais, comunitárias...) que mantêm os indivíduos emaranhados no seu país de origem e que influenciarão as suas decisões de permanecer ou partir.

As diferenças individuais desempenham neste contexto um papel relevante, designadamente na definição das fronteiras do constructo *embeddedness*, seja o mesmo aplicado a um cargo, profissão ou a um país, como neste caso, tal como preconizado no estudo de Feldman e Ng (2007), a respeito do *job/occupational embeddedness*. Com efeito, diferentes indivíduos percebem de diferentes formas as forças que os ligam a estas realidades. Assim, é pertinente a adoção, neste trabalho, de uma abordagem exploratória e profunda ao constructo de forma a explorar a perceção destas diferenças.

Acresce ainda a necessidade de realçar que o *embeddedness* não se constitui um fenómeno estanque, tendendo a modificar-se ao longo do tempo e assumindo, por isso, um carácter situacional e individual. Assim, poder-se-á esperar que o nível de *embeddedness*, nomeadamente *country embeddedness*, varie consoante fatores conjunturais (p.e. condições socioeconómicas) ou individuais (p.e. fase do ciclo de vida). Não obstante, e como referido a respeito da distinção entre *embeddedness* e satisfação, os indivíduos podem optar por permanecer num país, tal como num posto de trabalho (Ng. e Feldman, 2012), mesmo identificando melhores alternativas noutro local, como por exemplo, melhores condições económicas, havendo uma rede de outros fatores que o justifica.

De igual forma se entende que, correspondendo o *country embeddedness* ao conjunto de forças que retém os indivíduos num país, dificultando o seu abandono, é possível que esse conjunto de forças persista, mesmo face à saída do país. Assim, o conceito de *country embeddedness*, e respetivas dimensões (que aqui se procuram conhecer), distingue-se dos fatores que favorecem ou prejudicam as decisões de permanecer ou partir. Em última instância, o conceito de *embeddedness* poderá explicar uma parte da variância dessas decisões.

Neste estudo, por simplificação, explora-se o *country embeddedness* com o país de origem, ou seja, com o país de nacionalidade e de nascimento, mas não necessariamente o país de residência. Este é um aspeto a atender, porquanto outros estudos (Lo *et al.*,

2012) revelaram que para os trabalhadores internacionais o *home-country embeddedness* não se demonstra independente de dimensões do país de destino, como o *host-country embeddedness* e *host-organizational embeddedness* (Lo et al., 2012)

Em síntese, este trabalho explora o conceito de *country embeddedness* de portugueses com o seu país de origem, através de uma análise compósita, procurando conhecer as suas dimensões. Assume-se que este fenómeno é dinâmico e circunstancial, tendendo a alterar-se ao longo do tempo, ainda que de forma lenta, sendo por isso relevante explorar o contexto português atual, como forma de contextualizar e compreender os resultados encontrados.

2. O contexto português: *portuguese country embeddedness*

‘Latente, se não mesmo adormecido durante a maior parte do tempo, o sentimento nacional constitui, pois, um recurso ao dispor dos membros da comunidade, tanto para efeitos pessoais, como para a manutenção da identidade individual perante a emigração ou o exílio, por exemplo, experiências em que os portugueses são historicamente peritos, mas também para efeitos coletivos, como, por exemplo, o estabelecimento de redes grupais suscetíveis de trazerem benefícios económicos (...)’

(Cabral, 2003, p.528)

Tendo em conta o objetivo de explorar o conceito de *country embeddedness* com Portugal, e sendo este um constructo dinâmico, como se referiu, importa caracterizar o contexto português. Será elaborada uma breve descrição da conjuntura socioeconómica atual, seguida de uma reflexão sobre a tradição emigratória portuguesa, sem ignorar alguns dados acerca da relação dos portugueses com o país. Estes surgem como relevantes se atendermos às condicionantes situacionais e individuais do conceito de *country embeddedness*, anteriormente referidas, e à forma como estas mesmas variáveis e o conceito em si podem afetar as decisões de partir e ficar no país.

2.1 A Atual Conjuntura Socioeconómica em Portugal

‘A crise que vivemos presentemente, surgida na confluência de uma crise de contornos internacionais com fundamentos nacionais, apresenta-se com uma complexidade particular pelas restrições que impendem sobre a economia portuguesa.’

(Farto e Morais, 2011)

A situação socioeconómica e política portuguesa assume, nos dias de hoje, contornos complexos e exigentes, que desafiam quotidianamente os portugueses e a sua relação com Portugal. A contração económica, a elevação dos custos de vida, a diminuição dos rendimentos de trabalho, a retração da qualidade de vida e bem-estar, a crise social e a fragilidade dos poderes políticos interferem sobre a atratividade de Portugal para o exterior mas, primeiramente, para os seus (Farto e Morais, 2011). O Programa de Estabilidade e Crescimento impõe constrangimentos, limites e penalizações que não auguram uma bolha de respiração próxima. Acresce que o contexto mundial, extraeuropeu, também impõe desafios complexos a uma economia pouco competitiva e com fraca expressão exportadora como a portuguesa (Farto e Morais, 2011).

Já antes da atual crise económico-financeira, e com as reservas que as alterações subsequentes impõem, Cabral (1995) estudou a perceção dos portugueses acerca da equidade social, do estado-providência e do sistema fiscal, tendo constatado que a população considerava o desempenho da segurança social insuficiente. Referia-se à necessária gratuitidade dos sistemas de saúde e educação e considerava a equidade social insuficiente no que concerne ao sistema de oportunidades e recompensas socioeconómicas.

Em termos políticos, o descontentamento da população é feito sentir em manifestações públicas, na imprensa e no quotidiano. Os portugueses não creem na solução política para os problemas, reconhecem na corrupção instalada um motivo para a total descrença no poder político e na sua volição (Sousa e Triães, 2008). Acrescem ao exposto os dados que apontam para a não identificação dos portugueses eleitores com os políticos em cargo, não os assumindo como decisores de confiança (Vitorino e Fernandes, 2000).

Todos estes factos, quer oriundos da realidade socioeconómica atual, quer da perceção dos portugueses acerca da mesma, sugerem um desafio contínuo à relação dos portugueses com Portugal e à sua atratividade deste enquanto país. Com efeito, os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2012) apontam para que em 2011, o número de emigrantes tenha aumentado 85% face aos números de 2010, estimando-se que tenham saído do país 43.998 pessoas, mais 20.238 do que em 2010. Ora, se o *country embeddedness* remete para o conjunto de forças que liga um indivíduo ao seu país, com possível consequência nas decisões de partir/ficar, poderemos estar a assistir, em Portugal, a um enfraquecimento destas forças e, portanto, do *country embeddedness*, o que reforça a pertinência do estudo nesta população específica.

2.2 A tradição emigratória

‘O comportamento migratório é uma presença constante ao longo da história de Portugal’

(Antunes, 1981, p. 18).

Ainda antes da constituição de Portugal enquanto estado, as movimentações populacionais entre os povos que habitavam o território que viria a constituir Portugal indicavam um comportamento que se viria a instaurar como tradicionalmente português (Antunes, 1981). Os Descobrimentos que se iniciaram no séc. XV propiciaram a diáspora portuguesa pelo mundo e a consagração deste comportamento que, segundo Antunes (1981), se assumiu, e assume, como um dos principais fenómenos sociais portugueses.

Nas décadas de 60 e 70, o crescimento económico dos países do Norte e Centro da Europa contribuíram para um movimento emigratório ímpar na sociedade portuguesa, motivado pela busca de melhores condições de vida. A figura do emigrante português, enquanto integrante do imaginário e da realidade social nacional, ter-se-á consagrado nos anos 60, com a dimensão do movimento emigratório (Antunes, 1981). Nessa altura, as famílias e a sociedade portuguesas familiarizaram-se com a realidade do ‘português no mundo’.

O ‘modo português de estar no mundo’, conceito introduzido por Adriano Moreira nos anos 50, “*pressupõe que o povo português tem uma maneira particular, específica,*

de se relacionar com os outros povos, culturas e espaços físicos, maneira que o distingue e individualiza no conjunto da humanidade.” (Castelo, 2011, p. 112). A facilidade com que o ‘português’ se integra nas sociedades locais dos países de destino (Antunes, 1981) poderá constituir um resultado disso mesmo.

Os movimentos migratórios mais recentes não se restringem apenas a trabalhadores indiferenciados, como tradicionalmente era apanágio (Ferraz, 2011). Cada vez mais, por motivos diversos, a mão-de-obra que sai do país é qualificada e, não raras vezes, altamente especializada. Quer empurrados pela internacionalização das empresas, exponenciada pela globalização, quer pela parca absorção do mercado de trabalho português na atualidade, indivíduos portugueses qualificados de diversas áreas deixam o país para abraçar novas oportunidades profissionais e de vida no exterior.

Num estudo com cientistas portugueses que assumiram oportunidades de trabalho no exterior, Delicado (2008) concluiu que estes mantêm relações estreitas e regulares com o meio académico português, sendo este um fator que garante os sentimentos de pertença ao mesmo. Neste estudo, os contactos dos expatriados eram mantidos tanto com colegas portugueses expatriados como com aqueles que permaneceram em Portugal. A decisão de regressar ao país surgiu como influenciada pela manutenção de contactos pessoais e profissionais. Acrescendo a estes, os académicos demonstraram a manutenção de representações e sentimentos de identificação comunitária que contribuíam para a sua ligação com Portugal.

Num outro estudo relativo aos trabalhadores expatriados do Banco Santander-Totta, Neto (2010) apurou elevados níveis de satisfação dos trabalhadores com a experiência de expatriação, sendo destacadas as componentes interacionais dentro e fora do local de trabalho e a capacidade de adaptação aos costumes locais. Neste estudo, as questões profissionais, nomeadamente a participação num projeto aliciante e o desenvolvimento de competências e experiência, eram mais relevantes do que os aspetos económicos na altura da decisão de aceitação de um cargo que envolvesse expatriação. Ferraz (2011), num estudo quantitativo com expatriados portugueses ($N = 133$), procurou conhecer os elementos que influenciam a satisfação global do expatriado, tendo em conta as perspetivas de satisfação pessoal, profissional e com o país de destino. Os resultados apontaram também para a relevância da dimensão profissional no nível de satisfação

global dos expatriados, para a grande abertura cultural dos portugueses e para a sua facilidade de adaptação ao país de destino.

Em síntese, os resultados destes estudos indicam que os aspetos profissionais e de carreira poderão sobrepor-se ao *country embeddedness* no momento da decisão de partir ou permanecer no país. De igual forma, parece poder afirmar-se que os portugueses, mesmo deixando o país, permanecem a ele ligados, manifestando intenção de contacto, o que poderá revelar um elevado *home-country embeddedness*, contrariando o efeito que a conjuntura atual do país, como se referiu, poderá deter neste fenómeno.

2.3 Os portugueses e Portugal

‘Portugal é um país tipicamente latino, pertencendo, por isso, ao grupo mais feminino. No entanto, reconheci imediatamente que os portugueses diferem dos outros países latinos e, ao contrário dos espanhóis, não matam os seus touros. Os portugueses tendem a ser mais simpáticos para as pessoas e são bons negociadores, tentando sempre encontrar uma via pacífica. Por isso, resolvem muitos problemas negociando, e não guerreando’

(Hofstede, 1997, p.40)

Ainda que, como se ilustrou anteriormente, os portugueses se tenham assumido historicamente como povo que, com maior facilidade, assume a decisão de partir, esta não surge como incompatível com a manutenção de uma ligação afetiva, cognitiva e comportamental com o país. Inúmeros investigadores de diversas áreas científicas já se debruçaram sobre as características culturais e identitárias dos portugueses, que, pese embora não constituam objeto de estudo neste trabalho o contextualizam, conferindo um enquadramento relevante para os resultados obtidos no âmbito do *country embeddedness* português. Com efeito a questão ‘o que liga os portugueses a Portugal?’, sobre a qual se reflete neste estudo e que se encontra implícita nesta aplicação do conceito de *country embeddedness*, é fundamental para a compreensão dos aspetos que favorecem ou prejudicam a ligação ao país e eventualmente as decisões de permanecer ou partir, embora se reconheça, como já foi referido, que estes conceitos são distintos.

Os portugueses parecem atribuir um especial realce à história portuguesa, muito associada ao mar e aos Descobrimentos. Acerca da valorização da história, e

comparando os portugueses com o povo judeu, Lourenço afirmava que ‘*Portugal não espera o Messias, o Messias é o seu próprio passado, convertido na mais consistente e obsessiva referência do seu presente*’ (1990, p. 10). Sem dúvida que ‘*a ideia de um país aberto ao mundo parece afirmar-se como elemento de extrema importância na articulação de algumas características essenciais do que podemos chamar a identidade nacional*’ (Cunha, 1991, p.11). A propensão para o relacionamento intercultural, a valorização do passado, e a já afirmada *hiperidentidade*, assentam em marcos históricos ricos e complexos, como os Descobrimentos, o que incute nos portugueses uma ligação muito presente com o seu passado histórico (Lourenço, 1990; Cunha, 1991; Almeida, 2004), aspeto que poderá contribuir para a força da ligação ao país, mesmo após decisão de sair.

A par da história e componente da mesma, os símbolos e metáforas de um país expressam também um elo de ligação que aproxima os seus nativos. Em Portugal, a tradição do Fado poderá constituir umas das metáforas que melhor caracteriza esta ligação (Nielsen, Soares e Machado, 2009). Num trabalho dissecador dos significados do Fado enquanto metáfora cultural, Nielsen *et al.* (2009) vão de encontro aos estudos transnacionais sobre a cultura portuguesa e as suas características. Extravasando a tradição musical, que ainda assim, pela sua especificidade, não deixa de constituir uma bandeira nacional, o Fado simboliza valores culturais portugueses nem sempre consonantes: o fatalismo e a perseverança, o evitamento da incerteza e a tomada de risco, a orientação temporal tendente para a tradição, o controlo, a orientação para o grupo e o isolamento, a distância hierárquica e a igualdade, a orientação para as relações interpessoais em detrimento da tarefa e os papéis sociais dicotómicos: homem *versus* mulher, bom *versus* mau. Corroborantes, as dimensões culturais de Hofstede (1991), estudadas em muitos países do mundo, quando aplicadas ao caso português revelam a elevada distância hierárquica, o equilíbrio entre o individualismo e o coletivismo, a elevada feminilidade (ou baixa masculinidade; pela orientação para as relações interpessoais e não para o sucesso e execução da tarefa) e o elevado evitamento da incerteza (Nielsen *et al.*, 2009).

Em investigações subsequentes, nacionais e internacionais, a tendência para a afiliação volitiva e a propensão para o relacionamento interpessoal positivo, com preferência pela negociação em situações de conflito, têm sido destacadas (Rego, 2004).

Não alheios a esta tendência surgem os hábitos e costumes mais enraizados no povo português, como a relevância conferida ao futebol enquanto objeto de consumo e prática desportiva e recreativa. Este constitui um fenómeno sociocultural, expresso também além-fronteiras pelos emigrantes e expatriados portugueses em diferentes partes do mundo que mantêm atualizada a informação do ‘desporto rei’ no seu país (Tieler, 2012). *‘A identificação com a seleção nacional portuguesa ou a manutenção de uma comunidade de adeptos expatriada, centrada num clube de futebol português, a par do consumo de futebol mediatizado e da prática ativa, constitui um elemento de união transnacional e transgeracional entre os [emigrantes] portugueses.’* (Tieler, 2012, p.87).

De igual forma, e confirmando a relevância das relações interpessoais, são de destacar os rituais familiares e os hábitos de convivência em família, como os momentos de refeição, que se assumem como práticas culturais de excelência (Crespo, 2011).

Componente transversal a todos os portugueses é a língua que, ultrapassando-os, *‘...constitui-se como uma das dimensões da pertença identitária e, como tal, dependente tanto do conhecimento que dela se tem, quanto do reconhecimento que dela se faz’* (Brito e Martins, 2004, p.70). Com efeito, acrescendo à sua componente representativa e instrumental, a língua inclui, em essência, estados afetivos e volitivos. No contexto português, pela relação histórica entre a língua e os limites políticos, esta parece assumir uma relevância particular (Brito e Martins, 2004).

Contribui ainda para a ligação a Portugal aquilo que, expresso pela língua, não é traduzível noutras. É o caso da Saudade que, não sendo traduzível e pela sua singularidade, constitui objeto social partilhado: *‘Saudade não é soledad não é homesickness, não é morriña nem regret; Saudade é diferente de nostalgia, de Sehnsucht, de Heimweh, de desiderium, de spleen, de mal du pays. A dor romena, a hiraeth dos celtas do País de Gales, a asturiana señardad, ou a enyorança catalã, exprimem estados psíquicos de conotação saudosa, mas não são saudade’* (Carvalho, 2006, p.185). Com efeito, a ‘Saudade’ engloba uma simbologia e afeição muito portuguesas, que só os portugueses reconhecem.

Pelo exposto, considera-se o contexto português adequado e oportuno para explorar e desenvolver o conceito de *country embeddedness*. A atual conjuntura socioeconómica, acompanhada da elevada taxa de emigração e da própria tradição emigratória portuguesa, tornam Portugal um país desafiante e pertinente no que ao *country embeddedness* respeita. Por outro lado, importa realçar que a literatura consultada no âmbito do constructo de *embeddedness* permite distingui-lo do conceito de identidade, designadamente de identidade nacional, das decisões de ficar/partir e de outros constructos afins, já discutidos. Impõe-se assim, correspondendo ao repto de Zhang *et al.* (2012), a necessidade de aprofundar o conceito de *embeddedness* e, particularmente, neste estudo, o conceito de *country embeddedness*.

Com o objetivo de explorar o conceito de *country embeddedness* e as suas dimensões, no contexto atual português, foram então colocadas as seguintes questões de investigação, às quais este trabalho visa responder:

1. Em que consiste o *country embeddedness* dos portugueses na atualidade e que dimensões o compõem?
 - a. Que aspetos favorecem o *country embeddedness*?
 - b. Que aspetos prejudicam o *country embeddedness*?
2. Os portugueses que se encontram a residir no estrangeiro diferem dos que se encontram a residir em Portugal no que respeita ao *country embeddedness* e suas dimensões?
 - a. Que similaridades e diferenças existem entre a perceção dos portugueses que residem em Portugal e daqueles que residem no estrangeiro no que concerne aos aspetos que favorecem o *country embeddedness*?
 - b. Que similaridades e diferenças existem entre a perceção dos portugueses que residem em Portugal e daqueles que residem no estrangeiro no que concerne aos aspetos que prejudicam o *country embeddedness*?

Metodologia

Tendo em conta a natureza exploratória deste estudo, a adoção de uma metodologia qualitativa impôs-se de imediato para cumprir o objetivo de explorar o conceito de *country embeddedness* numa lógica indutiva (Eisenhardt e Graebner, 2007). Com efeito, a metodologia qualitativa parece ser aquela que melhor permite o desenvolvimento e compreensão de constructos teóricos, sendo, não raras vezes, a base do levantamento de outras questões e preposições científicas (Eisenhardt e Graebner, 2007). Tendo em conta que, neste estudo, se pretende a exploração de um constructo teórico, a sua melhor compreensão e o ponto de partida para investigações subsequentes, a opção por esta metodologia surge como a mais adequada.

Nesta secção procede-se à descrição do procedimento de recolha de dados, à caracterização dos participantes da investigação e à descrição da análise dos dados recolhidos.

1. Procedimento de recolha de dados

Tendo em conta o objetivo do estudo, procurou-se explorar o *country embeddedness* dos portugueses com o seu país de origem, acedendo às perceções de jovens adultos qualificados residentes e não residentes em Portugal. Para o efeito, foi utilizada uma amostra de conveniência, sendo a recolha de dados efetuada com recurso a dois métodos: entrevistas semiestruturadas e *focus group*.

Foram realizadas 17 entrevistas individuais, nas quais participaram nove residentes em Portugal e oito residentes no estrangeiro, e dois *Focus Group* (n=4 e 5). A dimensão dos grupos atendeu às indicações disponíveis na literatura para esta metodologia qualitativa (Gill, Stewart, Treasure e Chadwinck, 2008). Em ambos os grupos participaram presencialmente, ou via *Skype*, residentes em Portugal e residentes no estrangeiro.

No que concerne à composição da amostra foram acautelados os seguintes critérios: (1) nascimento e nacionalidade Portuguesa; (2) residência em Portugal e no estrangeiro, neste caso, na qualidade de *self-assignee*, ou seja, alguém que foi para o exterior trabalhar por iniciativa própria; (3) existência de uma ocupação profissional e/ou

académica atual. Procurou-se ainda a construção de uma amostra equilibrada e comparável de residentes e não residentes, do ponto de vista de algumas variáveis demográficas como: idade, género, educação/qualificação, situação familiar e profissional.

A opção por uma recolha de dados multimodal surgiu pela necessidade de utilizar os *Focus Group* como espaço de exploração inicial das questões das entrevistas e obtenção de dados que pudessem ser utilizados na realização das mesmas. Esta opção, já validada no âmbito da investigação qualitativa (Gill *et al.*, 2008), demonstrou-se essencial para a avaliação da consistência dos dados e orientação do entrevistador. Em ambos os contextos foi utilizado o mesmo guião semiestruturado. A postura do entrevistador, imparcial e não-participante, foi, tanto quanto possível, similar nos dois contextos.

Os primeiros contactos com todos os participantes foram efetuados por correio eletrónico no sentido da auscultação da disponibilidade para a participação no estudo e prestação de informação sucinta sobre o mesmo. De seguida, foram enviados, também via correio eletrónico, os questionários sociodemográficos.

As entrevistas com os residentes em Portugal foram realizadas presencialmente, com gravação áudio, com a exceção de dois casos, em que as mesmas, por indisponibilidade do participante, foram realizadas via *Skype*, com recurso a suporte áudio e vídeo. As entrevistas com os residentes no estrangeiro foram realizadas via *Skype*, nas mesmas condições. Num dos casos foi possível realizar a entrevista presencialmente.

Os *Focus Group* foram dinamizados em salas de estudo da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, encontrando-se os participantes residentes em Portugal presentes e sendo a participação dos residentes no estrangeiro conseguida via *Skype*, com recurso a suporte áudio e vídeo.

A todos os participantes foi requerida autorização para gravar e transcrever o material recolhido e para citar os resultados. Depois da realização das entrevistas e *Focus Group* foi atribuído um código a cada participante, ao qual foi associado o material respetivo, para que se potenciasse a isenção e imparcialidade na análise de dados, assim como o anonimato e confidencialidade.

Conforme referido, foi utilizado um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra (cf. Anexo IA – Instrumentos, Questionário

Sociodemográfico) e um Guião de Entrevista de índole semiestruturada (cf. Anexo IB – Instrumentos, Guião de Entrevista).

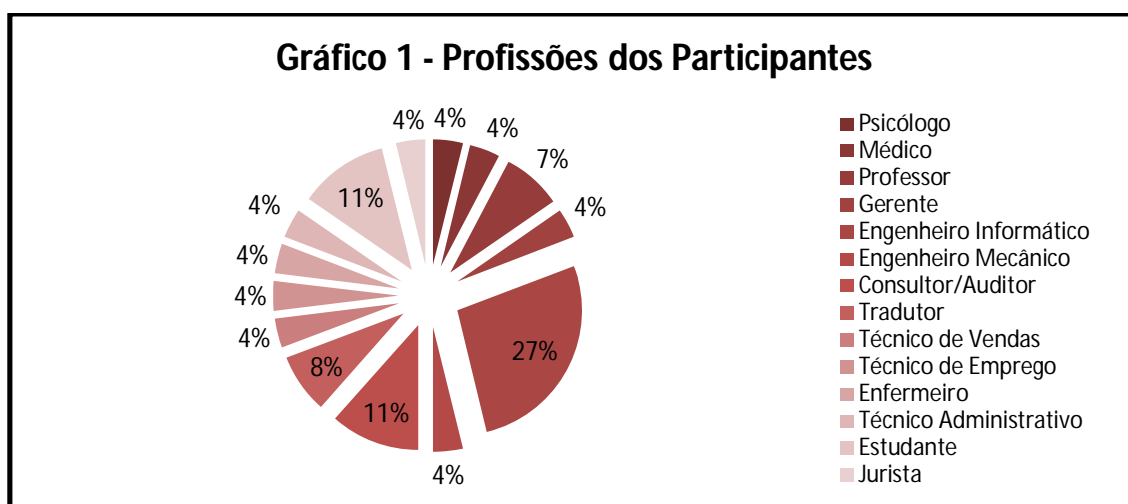
Com base na literatura consultada, o guião foi construído e dividido em duas grandes partes: a perceção da existência de uma ligação a Portugal; e a caracterização dessa ligação através dos aspetos que a fortalecem e/ou prejudicam.

O mesmo instrumento foi utilizado para a realização das entrevistas e dos *Focus Group*.

2. Participantes na investigação

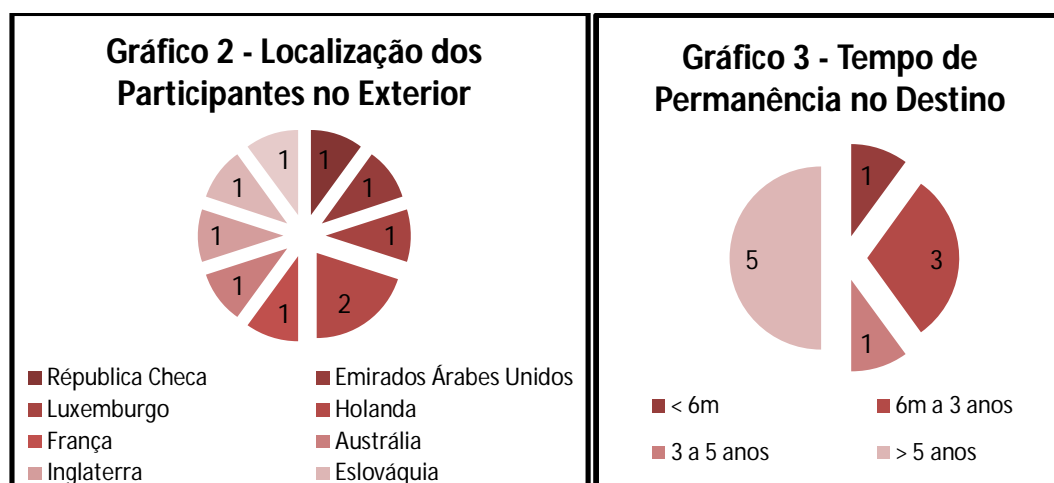
Participaram neste estudo 26 jovens adultos portugueses entre os 22 e os 32 anos ($M = 27,38$), sendo 50% do sexo feminino e 50% do sexo masculino ($N = 13$; $N = 13$). Quanto ao estado civil, 15 participantes eram solteiros, nove residiam em união de facto e dois eram casados. Nenhum dos participantes tinha filhos.

Todos os participantes detinham, no momento da recolha de dados, formação superior (Licenciatura, $N = 16$; Mestrado, $N = 9$; Doutoramento, $N = 1$) e ocupação profissional ou académica, sendo as suas profissões variadas, ressaltando-se apenas a presença maioritária de Engenheiros Informáticos ($N = 7$; cf. Gráfico 1 – Profissões dos Participantes).



Dezasseis participantes (61,5%) encontravam-se a residir em Portugal e dez (38,5%) a residir no estrangeiro, sendo as suas localizações variadas (cf. Gráfico 2 –

Localização dos Participantes no Exterior), tal como o tempo de permanência no destino (cf. Gráfico 3 – Tempo de Permanência no Destino).



Quanto às localizações dos participantes a residir no estrangeiro, dois residiam na Holanda, e um participante em cada um dos seguintes países: República Checa, Luxemburgo, França, Inglaterra, Noruega, Emirados Árabes Unidos, Austrália e Eslováquia.

No que respeita ao tempo de permanência no país de destino cinco participantes encontravam-se no exterior há mais de cinco anos, um estava no exterior entre três e cinco anos, três participantes entre seis meses e três anos e um participante encontrava-se no exterior há menos de seis meses.

3. Análise dos Dados

Os materiais áudio das entrevistas e dos *Focus Group* foram transcritos integralmente, e posteriormente sujeitos a uma análise de conteúdo categorial temática (Bardin, 2013). Esta análise foi feita com recurso ao programa informático *QSR NVivo*, versão 10.

Partindo das transcrições das entrevistas e das participações nos *Focus Group* como unidade de contexto, escolheu-se o parágrafo como unidade de registo de forma a promover uma fidedigna categorização dos conteúdos. Foram integrados os dados relativos aos *Focus Group* e às entrevistas individuais, segundo a opção multimodal da metodologia qualitativa (Gondim, 2003).

Para assegurar a validade e fidelidade da análise, foram utilizados os procedimentos indicados pela literatura. Numa primeira fase, procedeu-se à leitura de todo o material transcrito (leitura flutuante – Bardin, 1977) e procedeu-se a uma categorização inicial dos principais temas: categorização não apriorística (Campos, 2004).

Depois da categorização inicial foram elaboradas descrições gerais e específicas das categorias e subcategorias, sendo as mesmas adicionadas e reformuladas à medida que progredia a análise e categorização do material (Bardin, 1977). Na fase seguinte, procedeu-se à análise e interpretação dos dados, com reformulação e refinamento da categorização inicial e recurso ao cruzamento de dados, utilizando os comandos de *Coding Queries* e *Matrix Coding Queries*, disponíveis no *QSR Nvivo, versão 10*. A análise de dados e respetiva interpretação assenta na expressão numérica das unidades de análise por ser este um critério que quantifica a relevância conferida pelos participantes aos diferentes temas. No entanto, em anexo encontram-se, para consulta, os mesmos dados expressos em número de participantes que mencionaram cada tema/categoria.

Resultados

Nesta secção proceder-se-á à exposição e descrição dos principais resultados, organizando-os segundo as questões de investigação colocadas. Assim, serão descritos os resultados relativos à primeira questão de investigação, a exploração do conceito de *country embeddedness*, e em seguida referem-se os aspetos relativos à segunda questão de investigação, ou seja, as diferenças no *country embeddedness* dos participantes residentes em Portugal e no estrangeiro.

Em cada uma das subsecções apresenta-se uma análise inicial das três principais dimensões encontradas, sendo os dados relativos às categorizações secundárias e descendentes expostos, por ordem decrescente, nas tabelas respetivas. Será elaborada, pela mesma ordem, uma análise das categorias subordinadas, sendo esta acompanhada com citações dos participantes. Nestas citações serão utilizados os códigos atribuídos aos participantes após a realização das entrevistas e *focus group*¹.

Em cada subsecção sumarizam-se os principais resultados.

1. *Country Embeddedness*: Ligação, Retenção e Retorno

O nosso país é aquilo que tu aprendes a amar desde pequenina e é intrínseco a ti, tu nem te dás conta de quando é que isso começa, não é? Essa paixão.

Sujeito E_H_1

Eu acho que se eu pudesse voltar atrás e escolher o sítio onde pudesse nascer queria crescer aqui na mesma.

Sujeito E_H_3

Não é só recordações, é... nós nascemos e crescemos passamos uma infância e o nosso país quase que faz parte de nós, quase que entra no nosso DNA e já vai para além de questões culturais, ou questões profissionais ou pessoais, ou mesmo de família, é mesmo... é aquele sentimento de casa.

Sujeito E_SIE_5

¹ Nos códigos utilizados para cada sujeito a inicial E refere-se a Entrevista, FG a Focus Group, H a participantes residentes em Portugal e SIE a participantes residentes no estrangeiro.

Remetendo para a primeira questão de investigação – que dimensões compõem o *country embeddedness* dos portugueses na atualidade - é importante sublinhar que todos os participantes do estudo perceberam a sua relação atual com Portugal como um emaranhado de fatores (cf. Anexo II – Nº de participantes com unidades de análise cotadas em cada categoria). Numa análise global, destacam-se três categorias principais: a ligação a Portugal – “Ligação”; a ponderação da saída *versus* permanência no país, que se denominou “Retenção”; e o “Retorno”, a ponderação do retorno *versus* permanência no país de destino, quer nos participantes residentes no estrangeiro, quer naqueles que, permanecendo em Portugal, se imaginaram no papel dos primeiros.

Em cada uma dessas categorias foi possível identificar dois grupos de aspetos, respetivamente, aqueles que favorecem a ligação, a retenção e o retorno ao país, e aqueles que os prejudicam.

Lá está eu não conheço outro sítio e a verdade é que tenho muitas boas memórias aqui e consigo apesar de toda a situação, consigo ver que há coisas muito especiais e únicas no nosso país. E se calhar é por isso que me custa ver isto tudo tão mal aproveitado e ver-nos a nós jovens expulsos daqui. Porque sinto que me estão a rejeitar o direito de aproveitar o nosso país, onde nós nascemos, não é? Estamos a ser expulsos de uma coisa que é nossa. Que é nossa que é muito especial, que tem uma história que acho que é de nos orgulharmos, da maior parte, nos seus aspetos, e acho que é disso que eu me orgulho, das pessoas, e sei que é disso que eu vou ter saudades e sei que se calhar falares comigo daqui a um ano e eu noutra país já te vou dar respostas diferentes.

Sujeito E_H_1

1.1 Ligação ao País

A dimensão de ‘Ligação ao país’ surgiu a partir das unidades de análise que se referiam à percepção dos participantes acerca dos aspetos que favorecem ou prejudicam a sua relação com Portugal. Na Tabela 1 encontram-se esquematizadas todas as subcategorias integradas neste tema e a sua expressão em termos de unidades de análise, por ordem decrescente (ua).

Tabela 1 – Categoria ligação ao país (3618)²

Aspetos que favorecem a ligação com o país (2258)			
Aspetos Individuais (1021)	Sentimentos por Portugal (569)	Sentimento de ser português (120)	Última vez (22)
			No estrangeiro (15)
			1ª vez (14)
		Portugal como o seu lugar (106)	Vontade de ficar/voltar a Portugal (40)
			Sentimento de Casa (28)
			Interesse em saber o que se passa (13)
			Vontade de ser recordado em Portugal (3)
			Relação Imutável (19)
	Sentimentos por Pessoas (371)	Portugal como parte de si (94)	Sentido de Missão (15)
		Amor e Emaranhamento (31)	Orgulho (14)
		Família (94)	
		Amigos (59)	
Aspetos Culturais (465)	Características dos Portugueses (114)	Namorado/a (12)	
		Contactos Portugueses no Estrangeiro (12)	
		Cidade Natal (21)	
		Casa Própria ou de Familiares (11)	
		Memórias (20)	
	Hábitos e Costumes (86)	Simpatia e Hospitalidade (46)	
		Desenrasque e Adaptação (21)	
		Sentir Português (13)	
		Espírito Lutador e Trabalhador (13)	
		Solidariedade (9)	
		Equilíbrio e Calma (8)	
		Humildade e Integridade (6)	
		Insatisfação e Pessimismo (5)	
		Esperança (3)	
		Língua (60)	
Aspetos Físicos e Geográficos de Portugal (95)	Clima (59)	Gastronomia (56)	
		De Lazer (22)	
		Sociais (14)	Futebol (19)
			Momento da Refeição (9)
Aspetos Socioeconómicos e Laborais (34)	Funcionamento da Sociedade (21)	História de Portugal (13)	
		Música (11)	
		Literatura (4)	
		Religiosos (3)	
Aspetos Físicos e Geográficos de Portugal (95)	Paisagens Físicas (30)	Clima (59)	
		Paisagens Físicas (30)	
		Dimensão e Localização Geográfica (5)	
Aspetos Socioeconómicos e Laborais (34)	Emprego Atual e Prospeção de Carreira (13)	Funcionamento da Sociedade (21)	
		Emprego Atual e Prospeção de Carreira (13)	

² Os números parentesados remetem para o número de unidades de análise (ua).

Fatores que prejudicam a ligação com o país (551)		
Aspetos Socioeconómicos e políticas (167)	Mercado de Trabalho (43)	Condições de Trabalho (14)
		Cultura Empresarial (4)
		Pouca especialização (4)
	Questões Políticas (40)	Mentalidade política (15)
	Conjuntura Socioeconómica Atual (38)	Falta de perspetiva de futuro (8)
Aspetos Individuais (145)	Residir noutro país (102)	Distância Física e Emocional de Portugal por estar fora (22)
		Identificação com o país de destino (21)
		Conhecer outros países e culturas (16)
	Sentimentos negativos por Portugal (43)	Injustiça e Revolta (12)
		Desilusão e Vergonha (10)
		Impotência e Frustração (6)
		Rejeição e Expulsão (3)
Características dos Portugueses (57)	Falta de participação e proatividade (15)	
	Mentalidade Fechada e Retrógrada (14)	
	Má-língua e Mesquinhez (13)	
	Tendência para desrespeitar as regras (13)	
	Pessimismo (6)	

*Os números parenteados correspondem às unidades de análise categorizadas em cada item.

Da análise da tabela, depreende-se primeiramente a prevalência dos aspetos que favorecem a ligação a Portugal sobre aqueles que a prejudicam. Com efeito, os participantes parecem percecionar a sua ligação com Portugal como positiva. De ressaltar ainda que, na análise das categorias subordinadas aos dois tipos de aspetos (os que fortalecem e os que prejudicam a ligação) é possível verificar que algumas subcategorias se encontram presentes em ambos, como por exemplo as características dos portugueses. Ou seja, existem fatores que funcionam simultaneamente como abonatórios e prejudiciais à ligação com Portugal. Importa analisar assim, as categorias mais expressivas em cada um dos aspetos secundários à ligação a Portugal.

A análise dos dados referentes aos aspetos que são referidos pelos participantes como favorecendo a ligação a Portugal (cf. Tabela 1) permite verificar que:

- Os aspetos individuais, nomeadamente os sentimentos por Portugal, como o sentimento de pertença, de que Portugal é o seu lugar e parte de si, as pessoas, os locais, como a cidade-natal, e as memórias, são aqueles mais vezes percecionados como contribuindo para a positividade da ligação com Portugal.

(...) é intrínseco a nós. É nosso como a nossa cor de pele, é como a cor dos olhos(...)

Sujeito E_H_1

(...) a minha ligação mais forte ao país seria à minha terra, percebes? E o estar na minha terra e o... e o... a sensação de estar confortável neste lugar, de saber que eu saio à rua e conheço os lugares e os lugares me dizem alguma coisa.

Sujeito E_H_8

- Os aspetos culturais, nomeadamente as características dos portugueses, a história, os hábitos e costumes (p.e. futebol, o momento da refeição como momento de convívio), a língua e a gastronomia, são percecionados como desempenhando um papel relevante e positivo nesta ligação.

Portugal é assim muita gente sentada à mesa a comer posta à mirandesa

Sujeito E_H_3

- Nos fatores que contribuem positivamente para a ligação com Portugal foram ainda consideradas pelos participantes os aspetos físicos e geográficos do país em si, independentemente da história individual e das memórias. As paisagens físicas e a geografia de Portugal foram também mencionadas.

Pah eu acho Portugal bonito, é a tal questão. Se tu estás aqui no Norte, tens o Gerês, vais a Trás-os-Montes tens planaltos, que é quase um Alentejo só que a 800m de altitude, vais ao Alentejo tens um... Oh pah, eu adoro o Alentejo, tens uma costa vicentina, tens praia tens tudo!’

Sujeito E_H_5

- Menos mencionadas, as questões sociais e laborais, parecem também poder desempenhar um papel positivo na ligação com Portugal, nomeadamente no caso dos participantes que residem em Portugal e exercem atividade profissional gratificante.

Em termos profissionais, felizmente sou uma felizarda porque trabalho na área de que gosto. (...) E tenho uma ligação não só com a instituição, com a entidade e com os próprios alunos, que me faz realmente ter essa ligação profissional a Portugal, fazendo aquilo que eu realmente gosto e ter a oportunidade de trabalhar nessa área.

Sujeito E_H_2

No que respeita aos fatores referenciados pelos participantes como contribuindo negativamente para o *country embeddedness*, salientam-se os seguintes dados:

- Os aspetos socioeconómicos são aqueles que mais prejudicam a ligação dos participantes com Portugal, nomeadamente as características do mercado de trabalho, questões relacionadas com administração e gestão políticas e a conjuntura socioeconómica atual.

A força está em nós, certo! Podíamos... mas nós estamos cada vez mais desinteressados, mais desligados de política e seja lá o que for, porque estamos. E infelizmente, por mais que eu odeie política, política é de facto o que nos governa, e a forma como estamos se deve à política também. Não estamos envolvidos em política, somos totalmente desinteressados, cada vez mais... eu acho!

Sujeito FG1_H_4

- Também questões individuais relacionadas com a residência no exterior e com sentimentos negativos nutridos por Portugal, como a injustiça, a revolta e a frustração, surgem como prejudiciais à relação dos participantes com o País, quer para residentes quer para não-residentes.

(...) há um sentimento muito grande de impotência cá e sinto-me muito injustiçada de certa forma, e isso neste momento está mais predominante.

Sujeito E_H_1

- Algumas características dos portugueses são também percecionadas como prejudiciais a esta relação, como sejam a mentalidade fechada e retrógrada, a má-língua e mesquinhez e a falta de participação e proatividade.

Concordo completamente com o que disseram a nível da mentalidade e sobretudo acho que há uma coisa que é as pessoas não conseguem viver a sua vidinha e preocuparem-se com as suas coisas... é a sua vidinha e a vida dos outros e as coisas dos outros. Isso é uma coisa que, particularmente a mim, faz-me muita confusão.

Sujeito FG2_H_2

1.2 Retenção no país

A categoria ‘Retenção’ remete para as unidades de análise que incluem a perceção dos participantes acerca dos aspetos que promovem a decisão de permanecer ou sair de Portugal e que foram mencionados independentemente dos participantes residirem ou não no país. Na Tabela 2 – Categoria Retenção ao país encontram-se esquematizadas todas as categorias subordinadas e a sua expressão em termos de unidades de análise, por ordem decrescente.

Tabela 2 – Categoria Retenção ao país (537)

Aspetos que prejudicam a retenção no país (300)		
Aspetos Socioeconómicos ou políticos (98)	Falta de oportunidades em Portugal (62)	
	Aspetos Económicos (16)	
	Mentalidade Política em Portugal (5)	
	Gestão Política em Portugal (4)	
Aspetos Individuais (62)	Espírito de Aventura (32)	
	Impossibilidade de cumprir projeto de vida em Portugal (9)	
	Passar os últimos dias da vida (8)	
	Vontade de autonomização/emancipação (7)	
	Pessoas (6)	
Aspetos que favorecem a permanência no país (199)		
Aspetos Individuais (104)	Pessoas (58)	Família (20)
		Amigos (8)
		Namorado (4)
	Sentimentos por Portugal (25)	Comodismo/Conforto (14)
		Esperança no País e nas Pessoas (10)
Projeto de ter Filhos (14)		

Aspetos Socioeconómicos e Laborais (38)	Receios (4)	
	Experiências Internacionais Anteriores (3)	
	Trabalho (54)	Emprego Atual (19)
		Possível Oportunidade Profissional (5)
		Qualidade da Formação e Prática Profissional (2)
	Condições Económicas atuais (8)	
	Finalização de formação académica (2)	

*Os números parenteados correspondem às unidades de análise categorizadas em cada item.

A análise geral da tabela permite verificar a prevalência dos aspetos que prejudicam a retenção sobre aqueles que a favorecem, ou seja, os participantes conseguem identificar atualmente mais motivos que apoiam a decisão de sair do país do que motivos que apoiam a sua permanência em Portugal. De ressaltar que, à semelhança do que se verificou na dimensão de ligação, tanto nos aspetos que favorecem como naqueles que prejudicam a decisão de permanecer no país, os aspetos individuais e os socioeconómicos são aqueles que maior relevância parecem assumir.

No que respeita aos aspetos que prejudicam a retenção em Portugal, é possível verificar que:

- Os aspetos socioeconómicos e políticos são aqueles que mais afastam os participantes do país, sendo de realçar a perceção de falta de oportunidades no país e a situação económica.

Mas as coisas que me levaram a sair de Portugal não estão lá, não vejo tantas oportunidades, não vejo tanta... pronto, a nível profissional acho que vai ser um grande desafio para mim voltar a Portugal e encontrar uma qualidade a nível profissional como tenho neste momento.

Sujeito E_SIE_5

Por sentir que não tenho cá as mesmas oportunidades. Já não tenho cá grandes oportunidades.

Sujeito E_H_1

- Nos aspetos individuais, que surgem em segundo lugar naqueles que mais prejudicam a permanência em Portugal, o espírito de aventura assume a maior importância em categorias de análise, seguindo-se, de forma descendente, a

impossibilidade de cumprir o projeto de vida em Portugal, o desejo de passar os últimos dias de vida fora de Portugal, a vontade de autonomização/emancipação e as pessoas.

O espírito, aquele espírito de aventura de ser uma coisa nova. Portanto, como eu te disse antes, eu já tinha vivido num país estrangeiro um ano antes e aqui apresentava-se outra aventura, outra experiência. Eu estava mesmo mesmo a sair da universidade portanto estava pronta para começar uma, uma experiência nova, pensar em começar a trabalhar, etc... portanto eu acho que as oportunidades e o espírito de aventura se juntaram muito.

Sujeito E_SIE_8

- Os aspetos relacionados com o país de destino, como o facto de ter pessoas conhecidas ou familiares no destino, o clima e a vivência anterior de uma experiência internacional parecem contribuir também para a saída de Portugal.

*Porque eu e o ***** já sabíamos que íamos estar juntos mas tínhamos que decidir em que país e surgiu-lhe esta oportunidade de vir para a Holanda e depois eu também decidi vir para a Holanda.*

Sujeito E_SIE_5

Na análise dos dados referentes aos aspetos que contribuem para a permanência no país de origem, verifica-se que:

- Os aspetos individuais são aqueles que mais favorecem a decisão de permanecer no país, sendo de destacar as pessoas (família, amigos, namorado), os sentimentos por Portugal (comodismo/conforto e a esperança no país e nas pessoas) e o projeto de ter filhos;

Se tiver condições financeiras para continuar no país, sim, gostava que eles [filhos] fossem criados cá. Sobretudo, porque os meus pais, queria que estivessem presentes no crescimento dos meus filhos, portanto, aqui também há o lado emocional que faz com que eles estivessem por perto.

Sujeito E_H_2

- Os aspetos socioeconómicos e laborais também contribuem para a decisão de permanecer em Portugal, nomeadamente nos participantes que se encontram no país empregados, sendo o trabalho e, em particular, o emprego atual a revelar maior importância nesta decisão.

Eu neste momento só não saí porque para já ainda tenho trabalho. E enquanto for tendo trabalho e for tendo uma vida minimamente confortável vou ficando.

Sujeito FG1_H_3

1.3 Retorno ao país

A categoria ‘Retorno’ inclui as unidades de análise que integram a perceção dos participantes em relação aos aspetos que promovem a decisão de voltar a Portugal ou permanecer no estrangeiro, seja no país de destino ou noutro. Esta dimensão foi percecionada e comentada tanto pelos participantes que se encontram no estrangeiro, quanto pelos residentes em Portugal quando se imaginaram no papel dos primeiros. Na Tabela 3 – Categoria Retorno, encontram-se esquematizadas todas as categorias integradas nesta maior e a sua expressão em termos de unidades de análise, por ordem decrescente.

Tabela 3 – Categoria Retorno (423)

Aspetos que prejudicam o retorno ao país (167)		
Aspetos relacionados com o País de Destino (80)	Condições Laborais e Económicas (61)	Perspetiva de Carreira (15)
		Emprego Atual (14)
		Construir uma almofada financeira (3)
		Qualidade de Vida (1)
	Facilidade de Deslocação a Portugal (11)	
	Sentimento de Bem-Estar (8)	
Aspetos Individuais (24)	Nova rede de relações (6)	
	Sensação de que vai ser diferente (6)	
	Projeto de ter filhos (5)	
	Espírito de Aventura (3)	
	Cônjuge/Namorado (3)	
	Emigração com ideia de não voltar (1)	
Crise em Portugal (13)		

Aspetos que favorecem o retorno ao país (151)		
Aspetos Individuais (95)	Projeto de ter filhos (54)	Educação e Valores (19)
		Proximidade Familiar (7)
		Proximidade Cultural (6)
		Ensino (4)
		Saúde (2)
		Preconceito Emigrante (2)
	Pessoas (21)	Família (8)
		Amigos (2)
	Passar os últimos dias da vida (11)	
Aspetos relacionados com o País (10)	Sentimentos de Pertença/Casa (5)	
	Projeto de Vida a Médio Prazo (4)	
	Qualidade de Vida em Portugal (5)	
Aspetos relacionados com o País (10)	Possível oportunidade profissional (2)	

*Os números parenteados correspondem às unidades de análise categorizadas em cada item.

A tabela 3 permite verificar que na dimensão de retorno os aspetos que prejudicam o retorno a Portugal prevalecem sobre aqueles que o favorecem, ou seja, os participantes percecionam mais aspetos que conduzem à sua manutenção no estrangeiro do que ao regresso a Portugal. Alguns participantes residentes em Portugal também se colocaram imagicamente no papel de residentes no estrangeiro indagando acerca dos aspetos que atualmente os fariam cogitar o regresso a Portugal ou a permanência no destino.

De referir que o número de unidades de análise cotadas em cada um deles não se demonstra tão díspar quanto nas outras dimensões, o que pode significar um maior equilíbrio entre os aspetos que contribuem para a aproximação ou afastamento de Portugal, no que respeita à decisão de permanecer no país de destino ou regressar.

Quanto aos aspetos que contribuem para a decisão de permanecer no país de destino, é possível verificar que:

- Os aspetos relacionados com o país de destino são os mais percecionados como contribuindo para a manutenção no exterior, sendo de destacar as condições económicas e laborais oferecidas e, em particular, a perspetiva de carreira e as características do emprego atual, seguidos da facilidade de deslocação a Portugal e do sentimento de bem-estar.

Quando vim para cá sabia que era temporário e sei acima de tudo que o Dubai é bom enquanto o trabalho for uma parte importante da minha vida, quando o deixar de ser então Portugal pode ser uma ótima alternativa. Portugal pode não ser um sítio bom para trabalhar mas é um sítio excelente para viver (...)

Sujeito E_SIE_5

- Em segundo lugar, os aspetos individuais, nomeadamente a nova rede de relações estabelecida no país de destino e a sensação de que o regresso a Portugal poderá provocar sentimentos de estranheza, também são mencionados como contribuindo para adiar o retorno a Portugal.

(...) também começo a criar lá a minha vida, as minhas relações com outras pessoas, a ter um lugar na sociedade (...)

Sujeito E_SIE_8

- Por último, a crise em Portugal parece também adiar o regresso ao país, no caso dos não residentes e dos residentes que se imaginaram no papel dos primeiros.

É assim... eu... eu se Portugal tivesse se calhar melhores condições económicas neste momento... porque eu tenho a certeza que quero voltar para Portugal e quero trabalhar em Portugal.

Sujeito E_SIE_7

A análise dos dados referentes aos aspetos que contribuem para a decisão de regressar a Portugal, permite verificar que:

- Os aspetos individuais são aqueles que mais contribuem para o retorno ao país, nomeadamente o projeto de ter filhos, e a importância conferida à educação, aos valores portugueses e à proximidade familiar e cultural, seguido das pessoas e do desejo de passar os últimos dias de vida em Portugal;

Eu diria que com probabilidade maior imagino-me a reformar em Portugal, que é pelo menos o que eu pensava... imagino-me a reformar em Portugal. Sabes que... se calhar a razão fundamental, a variável, para voltar a Portugal, para além da família... quer dizer, para além da minha família que já existe, seria a família que não existe ainda, não é? Imagina se tivesse filhos penso que gostaria

de voltar a Portugal... se calhar até por motivos mais egoístas do que... e isto porquê, porque não... provavelmente queria que eles crescessem dentro da mesma, da mesma sociedade em que eu cresci.

Sujeito E_SIE_6

- Os aspetos relacionados com o país de origem como a qualidade de vida ou uma possível oportunidade profissional são considerados fatores que contribuem para a decisão de regressar.

Se a minha empresa abrisse um escritório aí amanhã, eu ia para aí amanhã.

Sujeito FG2_SIE_1

Sumarizando os principais resultados descritos nas três categorias primárias é possível verificar que a categoria de ligação é a mais expressiva, em termos de unidades de análise e diversidade de categorias, seguindo-se a dimensão de retenção e, por último, a de retorno. No que concerne à expressão dos aspetos que favorecem e prejudicam o *country embeddedness* nas três categorias principais encontradas, e que é possível consultar nas Tabelas 1, 2 e 3, importa sublinhar:

- A prevalência dos indicadores positivos sobre os negativos na ligação a Portugal, sendo a diversidade dos mesmos mais vasta no caso dos primeiros;
- A prevalência dos fatores que impulsionam a saída do país sobre aqueles que contribuem para a manutenção em Portugal;
- Uma vez efetivada a saída do país, a prevalência de fatores conducentes à permanência no exterior sobre aqueles conducentes ao regresso.

Os participantes percecionam-se *embedded* em Portugal, facto que surge como independente do reconhecimento de mais fatores impulsionadores da saída do país e da permanência no exterior do que daqueles que conduzem à permanência em Portugal e ao regresso. Assim, o conceito de *country embeddedness* confirma-se como distinto da decisão de permanecer ou partir, assumindo um significado particular e próprio que o distingue de outros: o *country embeddedness* remete para as forças que ligam um indivíduo a um país, e que influenciam as suas decisões de partir/ficar.

Se não senti noutros países o mesmo que sinto em Portugal. Não, mas sinto outras coisas noutros países que não sinto em Portugal... (risos). Que é precisamente o motivo de estar cá fora, não é? Mas lá está, as coisas positivas que me faltam aqui estão todas em Portugal.

Sujeito E_SIE_5

Além de estar bem com muitas outras coisas por ser português por estar em Portugal, tudo o resto está-me a ligar e está diretamente ligado com Portugal, portanto, a ligação é 100% com Portugal.

Sujeito E_H_8

Numa análise geral dos fatores que contribuem positiva e negativamente para cada uma das dimensões é possível concluir que:

- As questões individuais, designadamente os sentimentos pelas pessoas e por Portugal, surgem como aspetos que favorecem e prejudicam o *country embeddedness* nas três dimensões;
- As questões socioeconómicas foram também mencionadas tanto como aspetos que favorecem como que prejudicam o *country embeddedness*, sendo, no entanto, nos últimos que elas se revelam, nas três dimensões, como os aspetos prejudiciais mais vezes mencionados;
- Apesar dos aspetos que prejudicam o *country embeddedness* serem aqueles mais vezes mencionados nas categorias principais de Retenção e Retorno, a vontade de ficar/voltar a Portugal é a categoria mais expressiva no seu nível hierárquico e enquadra-se nos fatores positivos da Ligação a Portugal.

Porque no fundo quero voltar... não tenho uma data definida para voltar mas quero voltar.

Sujeito E_SIE_1

Estes factos permitem inferir que a relação dos participantes com Portugal, pese embora consista num emaranhado de fatores, não deixa de ser pessoal e individual. Os componentes dos aspetos individuais são aqueles que maior papel parecem exercer no *country embeddedness*, quer no sentido do seu fortalecimento, quer no sentido do seu desvanecimento.

A expressão das questões socioeconómicas como fator negativo por excelência parece apontar para a relevância que a conjuntura atual portuguesa e internacional assume na forma como os portugueses percebem e vivenciam a sua relação com o país.

É assim, aquilo que alimenta a minha relação com Portugal são os meus, percebes? Pah... adoro o país, adoro o clima, adoro tudo... mas, neste momento, quando venho cá sinto-me um bocado deprimida porque é só más notícias, é só crise é só... as pessoas andam deprimidas na rua, pah e tudo isso me deixa sem vontade de cá ficar ... só o que me liga aqui são as lembranças que tenho cá e mas é uma coisa pessoal e não uma coisa... pah, como é que eu te hei-de explicar... não é uma coisa que depende das coisas que eu não conheço, percebes? A minha ligação a Portugal é a ligação às experiências e às pessoas que eu tenho cá.

Sujeito FG1_SIE_1

Sobretudo esta nuvem negra das pessoas andarem sempre mal dispostas, mal-humoradas, culparem a crise por tudo e por nada, e isso se espelhar depois nas relações que as pessoas têm umas com as outras. Eu acho que a própria disponibilidade das pessoas falarem umas com as outras diminui, e por exemplo, mesmo em conversa de café ou conversa de circunstância, o tema é sempre o mesmo, portanto, quando disse fechada também queria dizer neste sentido de haver esta nuvem negra e de parecer que vivemos no pior país do mundo.

Sujeito E_H_2

2. Diferenças e similaridades no *Country Embeddedness* de residentes em Portugal e no estrangeiro

Tendo em conta a categorização previamente descrita e a existência de dois grupos amostrais, residentes em Portugal e residentes no estrangeiro, cruzaram-se os dados (através do comando do *Nvivo*, versão 10, *Matrix Coding Query*) com o objetivo de responder à segunda questão de investigação: explorar as semelhanças e especificidades de cada um dos grupos na expressão das categorias encontradas.

A descrição dos resultados obedecerá aos mesmos critérios utilizados anteriormente, sendo que se iniciará pela descrição dos resultados relativos à categoria de ligação, seguidos por aqueles da categoria de retenção e, finalmente, pelos referentes à categoria de retorno. Em tabelas serão apresentadas as categorias de cada tema e respetivo número de unidades de análise cotadas, sendo divididos os resultados referentes a residentes em Portugal dos referentes aos residentes no estrangeiro. Os dados numéricos nas tabelas serão apresentados por ordem decrescente de referência.

No final de cada tabela serão descritos os principais resultados, comparando aqueles que remetem para residentes no estrangeiro com os relativos aos residentes em Portugal. Esta descrição será acompanhada de citações ilustrativas.

2.1 Ligação ao país

Os participantes residentes em Portugal foram aqueles que mais vezes mencionaram a ligação a Portugal, sendo nestes mais evidente a prevalência dos aspetos que a favorecem sobre os que a prejudicam (cf. Tabela 4 – Diferenças e Similaridades na Categoria Ligação).

Tabela 4 – Diferenças e Similaridades na Categoria Ligação

CATEGORIA		Residentes Estrangeiro	Residentes País		
Ligação ao País		316	513		
Aspetos que favorecem a ligação ao país		261	407		
Aspetos Individuais		175	176		
	Lugares Específicos		23	37	
		Casa Própria ou de Familiares	5	6	
		Cidade Natal	7	14	
	Memórias		12	8	
	Pessoas		86	110	
		Família	34	25	
		Amigos	10	2	
		Namorado/a	57	37	
		Contactos Portugueses no Estrangeiro	6	6	
	Sentimentos por Portugal		94	152	
		Amor e Emaranhamento		9	19
			Orgulho	4	10
		Portugal como o seu lugar		43	56
			Interesse em saber o que se passa	10	3
			Sentimento de Casa	9	19
			Vontade de ficar/voltar a Portugal	18	22
			Vontade de ser recordado em Portugal	1	2
Portugal como parte de si		27	61		
		Relação Imutável	5	14	
		Sentido de Missão	6	9	

		Sentimento de ser português	30	40
		1ª vez	4	10
		Última vez	11	11
		No estrangeiro	7	8
Aspetos Culturais			118	160
		Características dos Portugueses	46	68
		Desenrasque e Adaptação	6	15
		Equilíbrio e Calma	1	7
		Esperança	1	2
		Espírito Lutador e Trabalhador	3	10
		Humildade e Integridade	0	6
		Insatisfação e Pessimismo	0	5
		Sentir Português	7	6
		Simpatia e Hospitalidade	21	25
		Solidariedade	3	6
		Gastronomia	28	28
		Hábitos e Costumes	28	20
		De Lazer	10	11
		Futebol	9	10
		Religiosos	1	2
		Sociais	9	3
		Momento da Refeição	7	2
		História de Portugal	5	8
		Língua	19	41
		Literatura	2	2
		Música	4	7
Aspetos Físicos e Geográficos			34	41
		Clima	30	29
		Dimensão e Localização Geográfica	3	2
		Paisagens Físicas	9	21
Aspetos Socioeconómicas e laborais			12	21
		Emprego Atual e Prospeção de Carreira	1	12
		Funcionamento da Sociedade	11	10
Aspetos que prejudicam a ligação com o país			75	110
Aspetos Individuais			35	45
		Residir noutro país	30	25
		Conhecer outros países e culturas	7	9
		Distância Física e Emocional de Portugal por estar fora	21	1
		Identificação com o país de destino	12	9
		Sentimentos negativos por Portugal	5	21
		Desilusão e Vergonha	1	9
		Impotência e Frustração	2	4
		Injustiça e Revolta	3	9
		Rejeição e Expulsão	1	2
Aspetos Socioeconómicos e políticos			36	42
		Conjuntura Socioeconómica Atual	20	17
		Falta de perspetiva de futuro	2	6
		Mercado de Trabalho	16	11
		Condições de Trabalho	6	8
		Cultura Empresarial	4	0
		Pouca especialização	4	0
		Questões Políticas	11	19
		Mentalidade política	7	8
Características dos portugueses			17	40
		Falta de participação e proatividade	3	12
		Má-língua e Mesquinhez	5	8
		Mentalidade Fechada e Retrógrada	4	10
		Pessimismo	4	2
		Tendência para desrespeitar as regras	4	9

A análise dos dados referentes aos aspetos que favorecem a ligação a Portugal, no que respeita às diferenças entre os participante residentes em Portugal e no estrangeiro, permite verificar que:

- Os residentes em Portugal e no estrangeiro consideram relevantes os lugares específicos, as pessoas (família e o/a namorado/a), as memórias, e os sentimentos positivos por Portugal, como o amor/emaranhamento, o sentimento de que o país é o seu lugar e faz parte de si e o sentimento de ser portugueses.

Nas categorias subordinadas destaca-se que os participantes residentes no estrangeiro realçam o interesse em saber o que se passa no país e a vontade de voltar a Portugal, enquanto os residentes em território nacional enfatizam a cidade natal, a sensação de que a relação com Portugal é imutável e o sentido de missão.

Se calhar o que me iria custar mais era o quebrar um bocadinho com as raízes, e com a ligação que nós criamos com o país, com o sítio onde nós nascemos, que no fundo é onde estão as nossas raízes, as nossas origens. E se calhar é um bocado cortar com esse vínculo que talvez iria custar um bocadinho mais.

Sujeito FG2_H_2

Ou seja, eu acredito que nós e embora, e há muitas coisas no nosso país que me irritam e pessoas que me irritam e muitas atitudes que me irritam mas acredito que tenho que dar o meu contributo para mudar as coisas e não ficar à espera sentado no sofá em casa à espera que as coisas mudem. Acho eu, temos que ser parte ativa na mudança.'

Sujeito FG2_H_1

- No que respeita às questões culturais os participantes de ambos os grupos realçam as características dos portugueses, a gastronomia, os hábitos e costumes, como o interesse pelo futebol, a história do país, a literatura, a música e a língua como questões culturais que favorecem a sua ligação com Portugal. No entanto, os residentes em Portugal mencionam mais vezes a língua, o desenrasque e adaptação e o espírito lutador e trabalhador, enquanto os residentes no estrangeiro realçam o 'sentir português' e os hábitos sociais, como o momento da refeição.

Desenrascar! Que eu acho que é uma palavra que não existe em inglês.

Sujeito FG1_H_2

Por exemplo, uma coisa... um exemplo nesse aspeto é por exemplo o aspeto da alimentação. Aqui na Holanda as pessoas não dão tanto valor às refeições por exemplo. Em relação a almoçar, só para dar um exemplo, eles aqui uma sandes está bem e pronto, siga para a frente. E depois à noite talvez um jantar apressado e quanto mais rápido o fizer tudo bem. Eu acho que em Portugal as pessoas dão muito mais valor a esse tipo de coisas, porque em Portugal é mais como um ritual. As pessoas gostam de ter uma boa refeição, gostam de estar acompanhados com pessoas, conversar durante a refeição, gostam de cozinhar coisas interessantes.

Sujeito E_SIE_4

- No que concerne às questões socioeconómicas os participantes residentes no estrangeiro percecionam o funcionamento da sociedade portuguesa como uma questão que favorece a ligação com o país, enquanto os residentes em Portugal privilegiam o emprego que detêm atualmente e a prospeção de carreira, para o que pode contribuir a fase do ciclo de vida em que os participantes se encontram, com claro favoritismo pela carreira.

‘E tratar... abrir uma conta no banco por exemplo aqui em França deu-me cabo da cabeça, ter... instalar internet, um mês inteiro. Eu encontrei... eu fiquei louca porque não estou habituada a isso. Estou habituada a que as coisas funcionem em termos de serviços.

Sujeito E_SIE_7

Mas nesta altura penso que aquele projeto de vida que nós todos temos, cada um à sua maneira mas que toda a gente tem, que leva, que segue aquelas linhas normais no plano que as pessoas fazem. Nesta altura já vejo esse horizonte, portanto, motivado claro como é óbvio pela mudança de emprego, e aqui em Portugal, sem grandes alterações, nesse caso, também pronto tive um pouco de sorte, porque é perto de casa, portanto não tive que mudar muito o meu estilo de vida. Não ter que mudar, ter que mudar, mas pronto não ter que fazer uma

alteração radical... Estou muito perto do que fazia e nesse especto sinto-me a 100% confiante de que aqui em Portugal consigo seguir os meus horizontes.

Sujeito E_H_8

Quanto aos dados referentes aos aspetos que prejudicam a ligação atual com Portugal, são de destacar as seguintes diferenças e similaridades entre os dois grupos de participantes:

- Ambos os grupos identificaram algumas características dos portugueses como prejudiciais à sua relação com Portugal, embora esta realidade pareça ser mais expressiva nos que residem em território nacional. Estes relevam a falta de participação e proatividade, a mentalidade retrógrada e fechada, a má-língua e mesquinhez e a tendência para desrespeitar as regras.

Acho que continua a haver muito aquela mentalidade pequenina e de alguma mesquinhez principalmente em meios mais pequenos. Posso dar aquele exemplo do português e do americano em que o português compra um carro e outro vai e ‘vais comprar o carro e não sei quê... devias era ter um acidente’ e o norte-americano vê um vizinho a comprar um carro e diz ‘Ei vou trabalhar ainda mais que é para comprar um carro ainda melhor.’ Acho que nós ainda nesse aspeto de mentalidade acho que ainda vivemos muito nessa mesquinhez e toda a gente que se dá bem na vida é porque é corrupto, ou porque roubou, ou porque não sei quantos... desvaloriza-se muito o sucesso das pessoas. Acho que ainda há muito o sentimento de inveja.

Sujeito FG2_H_1

- Tanto os participantes residentes em Portugal como aqueles que residem no estrangeiro percecionam o facto de viver noutro país e alguns sentimentos negativos nutridos por Portugal como questões individuais que prejudicam a sua ligação com o país. No grupo de participantes residentes em Portugal, a desilusão/vergonha e a injustiça/revolta sentidos são os mais mencionados e podem ser associados à atual situação conjuntural portuguesa e às perceções negativas acerca da sociedade e da situação política. Já no caso do segundo grupo a distância física e emocional implicada no facto de residir noutro país é o fator mais mencionado.

Agora que é uma fase transitória, não posso garantir a 100%, mas acho que se as coisas melhorassem também o sentimento em relação ao próprio país se calhar também melhoraria porque há coisas que nós vemos no próprio país mesmo em termos políticos que se calhar não vemos noutros países que se calhar nos fazem sentir uma certa revolta. Acaba por me afastar. Não me posso identificar com um país em que não acredito naquilo que me dizem, ou não me posso identificar com um país em que vejo que as pessoas, os maiores ladrões, passam impunes (...)

Sujeito E_H_2

...é uma sensação muito estranha voltar e sentires que não te relacionas com... não tens muito em comum com muito do que se passa aqui, com, com... é uma sensação muito difícil de descrever

Sujeito E_SIE_8

- Tanto os participantes que residem em Portugal como os que residem no estrangeiro mencionaram questões socioeconómicas e políticas que percecionam como prejudiciais à sua ligação a Portugal. A conjuntura socioeconómica atual, as características do mercado de trabalho, nomeadamente as condições de trabalho oferecidas, e as questões políticas atuais são mencionadas de forma equivalente por ambos os grupos.

2.2 Retenção no país

No que respeita à categoria Retenção, os participantes residentes em Portugal foram também aqueles que mais vezes mencionaram aspetos que percecionam como relevantes para a decisão de sair ou permanecer em Portugal (cf. Tabela 5 – Diferenças e Similaridades na Categoria Retenção).

Tabela 5 – Diferenças e Similaridades na Categoria Retenção

CATEGORIA			Residentes Estrangeiro	Residentes Portugal
Retenção no país			47	148
Aspetos que prejudicam a retenção no país			43	76
Aspetos Socioeconómicos ou políticos			27	45
	Falta de oportunidades em Portugal		25	37
	Gestão Política em Portugal		0	4
	Mentalidade Política em Portugal		0	5
	Questões Económicas		4	12
Aspetos Individuais			24	31
	Espírito de Aventura		19	13
	Impossibilidade de cumprir projeto de vida em Portugal		2	7
	Passar os últimos dias da vida		1	7
	Pessoas		3	3
	Vontade de autonomização/emancipação		4	3
Aspetos relacionados com o País de Destino			5	10
	Clima		1	1
	Conhecidos ou Família no Destino		2	3
	Experiência Anterior		1	1
Aspetos que favorecem a retenção no país			7	85
Aspetos Individuais			3	67
	Pessoas		0	3
		Família	3	25
		Amigos	0	8
		Namorado	2	18
	Experiências Internacionais Anteriores		1	3
	Projeto de ter Filhos		0	14
	Receios		0	4
	Sentimentos por Portugal		0	23
		Comodismo/Conforto	0	14
		Esperança no País e nas Pessoas	0	10
Aspetos Socioeconómicos e Laborais			2	31
	Condições Económicas Atuais		2	6
	Finalização de formação académica		0	2
	Trabalho		0	28
		Emprego Atual	0	19
		Possível Oportunidade Profissional	0	5
		Qualidade da Formação e Prática Profissional	0	2

A análise da tabela permite verificar as seguintes diferenças e similaridades entre os residentes em Portugal e no estrangeiro no que concerne aos aspetos que prejudicam a decisão de permanecer no país:

- Os participantes residentes no estrangeiro realçaram, como questões individuais, o espírito de aventura, e como socioeconómicas ou políticas, a falta de oportunidades em Portugal.

(...) tenho muitos amigos que trabalham em Portugal e frequentemente conversamos e parece que estamos a falar de realidades diferentes, é... não é dois países diferentes, é planetas diferentes. E às vezes não consigo perceber muito bem o que é que os motiva.

Sujeito E_SIE_5

- Os participantes residentes em Portugal percecionam como abonatórios à possibilidade de partir aspetos relacionados com o país de destino, questões individuais como o espírito de aventura e a impossibilidade de cumprir o projeto de vida idealizado em Portugal, e questões socioeconómicas ou políticas, especialmente a falta de oportunidades em Portugal, as questões económicas, a gestão e a mentalidade políticas no país, não se afastando muito das perceções dos residentes no estrangeiro.

Eu só me vejo lá fora. Neste momento estou cá para concluir o mestrado mas acho que isto é terra queimada portanto isto é um país que está à espera de desaparecer, acho que não estou cá a fazer nada. Acho que estamos asfíxiados... Vá, a [FG1_SIE_1] já foi... Mas as 5 estamos cá a desperdiçar o nosso talento.

Sujeito FG1_H_4

A análise da Tabela 5 permite verificar as seguintes diferenças e similaridades na perceção dos participantes, residentes em Portugal e no estrangeiro, no que concerne aos aspetos que favorecem a permanência no país:

- No caso dos participantes residentes no estrangeiro, os únicos fatores mencionados como suficientemente relevantes para implicar, no momento da decisão de saída, uma possível permanência no país, relacionam-se com relações familiares e íntimas. Estas também foram as mais mencionadas pelos residentes em Portugal, seguidas do facto de disporem de boas condições económicas em Portugal, no momento. A questão das relações interpessoais, nomeadamente

familiares, parece deter um peso determinante quer no *country embeddedness* quer nas tomadas de decisão que implicam a distância física do país, reforçando a pertinência do *family embeddedness* neste domínio.

Quando eu fui o que me custou deixar foi a minha família e os meus amigos.

Não havia mais nada que me prendesse aqui, percebes?

Sujeito E_SIE_8

- Os participantes residentes no país realçaram igualmente o projeto de ter filhos, o comodismo e conforto associados à permanência em Portugal, assim como questões socioeconómicas e laborais, nomeadamente, o facto de terem emprego atualmente como aspetos que contribuem para a permanência em Portugal.

Eu neste momento só não saí porque para já ainda tenho trabalho.

Sujeito FG1_H_3

Às vezes uma pessoa acaba por temer o desconhecido e apesar de sermos bombardeados com filmes e culturas estrangeiras, acaba por ser desconhecido, não é? Tu estás lá fora, és desconhecido, as pessoas... se for preciso existe um bocado ainda aquele mito: se uma pessoa... quando estive nos EUA éramos estrangeiros, não é? E apesar de sermos bem acolhidos em todo o lado, pah, não é a mesma coisa, não somos pessoas de lá.

Sujeito E_H_5

2.3 Retorno ao país

Na categoria de Retorno foram os participantes residentes no estrangeiro a assumir a primazia em termos de unidades de análise codificadas, o que se verifica também nas unidades de análise codificadas em cada uma das categorias secundárias, relativas aos aspetos que favorecem ou prejudicam a decisão de regressar a Portugal. Os participantes residentes no estrangeiro mencionaram mais vezes aspetos que prejudicam o retorno ao país, comparação equilibrada no caso dos residentes em Portugal. Na Tabela 6 – Diferenças e Similaridades na Categoria Retorno, encontram-se especificadas as categorias e respetivo número de unidades de análise cotado por cada grupo de participantes.

Tabela 6 – Diferenças e Similaridades na Categoria Retorno

CATEGORIA			Residentes Estrangeiro	Residentes Portugal
Retorno ao país			74	32
Aspetos que prejudicam o retorno a Portugal			41	15
Aspetos relacionados com o País de Destino			34	9
	Condições Laborais e Económicas		27	1
		Construir uma almofada financeira	3	0
		Emprego Atual	14	0
		Perspetiva de Carreira	14	1
		Qualidade de Vida	1	0
	Facilidade de Deslocação a Portugal		5	6
	Sentimento de Bem-Estar		6	2
Aspetos Individuais			17	5
	Cônjuge/Namorado		3	0
	Emigração com ideia de não voltar		0	1
	Espírito de Aventura		3	0
	Nova rede de relações		6	0
	Projeto de ter filhos		3	2
	Sensação de que vai ser diferente		4	2
Crise em Portugal			13	0
Aspetos que favorecem o retorno a Portugal			36	16
Aspetos Individuais			32	11
	Pessoas		9	2
		Família	8	0
		Amigos	2	0
	Projeto de ter filhos		23	0
		Educação e Valores	10	0
		Saúde	2	0
		Ensino	4	0
		Proximidade Familiar	7	0
		Proximidade Cultural	6	0
		Preconceito Emigrante	2	0
	Projeto de Vida a Médio Prazo		2	1
	Sentimentos de Pertença/Casa		3	3
	Passar os últimos dias da vida		5	6
Aspetos relacionadas com o País			7	0
	Possível oportunidade profissional		2	0
	Qualidade de Vida em Portugal		5	0

A análise da tabela permite verificar as seguintes diferenças e semelhanças entre os dois grupos no que concerne aos aspetos que prejudicam a decisão de regressar a Portugal:

- Os participantes a residir no estrangeiro mencionaram como aspetos individuais, especialmente, a situação do cônjuge/namorado, a nova rede de relações criada no destino e a perceção de que o regresso a Portugal vai causar uma sensação de estranheza, e de forma menos expressiva, a continuidade do espírito de aventura e o projeto de ter filhos.

Se calhar de alguma forma também me afasta, de uma forma um bocado inconsciente porque com o passar do tempo uma pessoa vai-se tornando mais integrada aqui e vai-se habituando mais, não é, e se calhar afasta

Sujeito E_SIE_5

A crise em Portugal também foi mencionada como fator que afasta ou adia a decisão de voltar, assim como as condições encontradas no país de destino, quer a nível económico e laboral, quer no que respeita a sentimentos de bem-estar e à facilidade de deslocação a Portugal.

Mas também é importante ao fim do mês não estar a contar os trocos e saber que posso juntar e saber que posso sonhar e não estar preocupada se vou ter trabalho daqui a dois meses ou não e isso também é muito importante

Sujeito E_SIE_5

- No caso dos participantes residentes em Portugal, a ideia de estar a residir no exterior permite percecionar questões individuais como a determinação em permanecer no exterior, o projeto de ter filhos, a perceção de sensação de estranheza no regresso a Portugal, o sentimento de bem-estar e a facilidade de deslocação a Portugal como aspetos que poderiam afastar a decisão de regressar ao país, indo de encontro ao apurado no caso do grupo de participantes residentes no estrangeiro.

No que concerne aos aspetos que favorecem o retorno a Portugal, foi possível identificar, pela observação da Tabela 6, as seguintes diferenças e semelhanças entre os residentes no estrangeiro e em Portugal:

- Os participantes residentes no estrangeiro realçam os aspetos individuais, nomeadamente as pessoas, família e amigos, o projeto de vida a médio prazo, os sentimentos de pertença e a ideia de passar os últimos dias de vida em Portugal.

Acho que toda a gente acaba por sair sempre com o pensamento de voltar para o país por causa sobretudo da família. Eu imagino que seja difícil de dizer, eu agora vou-me embora e vou deixar, sobretudo os pais, vou deixar e nunca mais os vou ver ou vou vê-los só no Natal. Acho que as pessoas partem ou se calhar dizem a si próprias que o vão fazer mesmo quando isso acaba por não acontecer

Sujeito E_SIE_3

Neste âmbito, e na linha do raciocínio já exposto, o projeto de ter filhos é o fator mais mencionado quer seja pela proximidade cultural e familiar, como pela educação, valores, saúde e ensino praticados no país, associados à maior familiaridade com o país de origem do que com o país de destino, principalmente no que concerne aos serviços e condições de vida na infância

Se quisesse criar uma família em Portugal eu vejo o exemplo do meu irmão que está em Portugal e teve um filho e os meus pais ajudam bastante nesse aspeto, enquanto que se fosse aqui teríamos que utilizar outras coisas, outros meios e não tendo acesso à família, claro. E acho que voltar a Portugal e acho que criar a família aqui seria um indício de ter que ir a Portugal mais frequentemente o que não é um problema mas seria uma consequência naturalmente.

Sujeito E_SIE_4

Questões como a qualidade de vida, associada ao lazer e hábitos de convívio e uma possível oportunidade profissional no país, também foram percecionadas, ainda que em menor escala, como fatores abonatórios do regresso a Portugal.

Eu acho que tenta-se viver da mesma forma como se se estivesse em Portugal. Claro que é sempre diferente, porque em Portugal se calhar estaria com outras pessoas. Por exemplo, o caso de ver um jogo de futebol, vejo em casas ou às vezes vou a um Irish Pub ver um jogo mais importante mas... ou até mesmo... já tive situações em que fui a uma associação portuguesa, onde organizam jantares e depois também têm jogos de futebol, também mostram jogos de futebol, também já tive essas situações, mas acho que há sempre uma diferença entre viver isso aqui e em Portugal.

Sujeito E_SIE_4

- Quando os participantes residentes em Portugal se imaginaram no papel de residente no estrangeiro ou equacionaram experiências internacionais anteriores mencionaram também como mais relevantes os aspetos individuais. As pessoas, o projeto de vida a médio prazo, sentimentos de pertença e a ideia de passar os últimos dias de vida foram realçados como fazendo ponderar o regresso ao país.

Sumarizando os dados descritos no âmbito da segunda questão de investigação foi possível identificar diferenças e semelhanças no *country embeddedness*, temas e aspetos constituintes, dos participantes residentes em Portugal em relação àqueles residentes no estrangeiro, sendo de destacar as seguintes conclusões gerais:

- Os participantes residentes em Portugal foram aqueles que mais vezes mencionaram a ligação a Portugal e a retenção no país, sendo que os participantes residentes no estrangeiro foram aqueles que mais vezes mencionaram o retorno.
- Os participantes residentes em Portugal mencionaram mais vezes aspetos que favorecem a ligação a Portugal e que suportam a decisão de permanecer no país e igualmente aspetos que, hipotetizando uma saída do país, percecionam como relevantes para regressar. Os participantes residentes no estrangeiro mencionaram mais vezes aspetos que favorecem a ligação a Portugal que impulsionam a saída do país e que contribuem para a permanência no país de destino.

Uma leitura geral dos dados permite então afirmar que tanto os residentes em Portugal como os residentes no estrangeiro percecionam aspetos que favorecem e prejudicam o *country embeddedness*. Ou seja, o *country embeddedness* é um fenómeno presente tanto nos jovens adultos que se encontram em Portugal como naqueles que se encontram no estrangeiro, pelo que se confirma a distintividade do constructo face às decisões de partir/ficar.

A relação dos *self-assignees* com Portugal demonstra, no entanto, algumas particularidades distintas face à daqueles que permaneceram no país de origem, patentes na valorização dos aspetos que prejudicam a retenção e o retorno a Portugal, assim como na menor expressão daqueles que favorecem a ligação e a retenção. Estas diferenças parecem justificar-se tanto pela relação estabelecida com o país de destino quanto pela necessidade de manter forças de ligação ao país de origem.

De uma forma geral, os residentes em Portugal surgem como mais *country embedded* no país de origem do que aqueles que residem no exterior. O papel do emaranhamento no país de destino (*host-country embeddedness*), assim como a situação socioeconómica e laboral encontrada em Portugal na atual conjuntura, parecem desempenhar um papel relevante neste dado. Por outro lado, as ligações interpessoais e à cultura e país permanecem como fortificadores da relação com Portugal e são realçadas mais pelos participantes que residem em Portugal.

Discussão dos Resultados

Depois de descritos os resultados, nesta secção, procurar-se-á discuti-los e enquadrá-los à luz da literatura consultada e por referência às questões de investigação.

1. *Country Embeddedness: o que liga os Portugueses a Portugal?*

Os resultados obtidos neste estudo confirmam o conceito de *country embeddedness* como revelador da rede de forças que ligam um indivíduo a um país, sendo possível identificar aspetos que reforçam e enfraquecem essa ligação. Corroborando a literatura (Lo *et al.*, 2012; Zhang *et al.*, 2012), entende-se que o emaranhamento no país de origem, e os aspetos que o constituem, podem influenciar as decisões de partir ou ficar, ainda que as suplantem e delas se distingam (Zhang *et al.*, 2012). É neste contexto que a emergência das três dimensões – *ligação, retenção e retorno* – é entendida. Os aspetos que são percecionados como fortalecendo a ligação, a retenção e o retorno a um país serão aqueles que mais contribuem para o *country embeddedness*. Os aspetos percecionados pelos participantes como prejudicando a ligação, a retenção e o retorno são aqueles que menos contribuem para o *country embeddedness*.

Uma análise geral da categorização descrita na análise dos resultados permite verificar que, na atualidade, o *country embeddedness* de jovens adultos qualificados portugueses parece ser essencialmente influenciado por **aspetos individuais, aspetos culturais e do país, e aspetos conjunturais**. Estes aspetos, que surgem como componentes centrais do *country embeddedness*, indiciam a natureza circunstancial do fenómeno (Lo *et al.*, 2012; Zhang *et al.*, 2012).

O *country embeddedness* demonstra ser também um constructo composto, assumindo um carácter dinâmico que lhe é conferido, de forma mais volátil, pelos seus componentes conjunturais e individuais e, de forma mais enraizada, pelos componentes culturais e do país.

Nos **aspetos individuais**, são de destacar o papel que as *ligações pessoais, familiares e sociais* detêm no *country embeddedness*, tanto no sentido do seu fortalecimento, como do seu enfraquecimento.

As relações mantidas em Portugal e com os portugueses assumem um papel preponderante na expressão dos resultados. Com efeito, os relacionamentos interpessoais surgem como fundamentais, sendo a qualidade e a natureza das relações relevante. O papel da família e dos amigos no país de origem é sempre identificado como uma força de ligação prioritária (Delicado, 2008; Crespo, 2011; Richardson e McKenna, 2006), sendo inclusive aludida, em alguns relatos, a figura do emigrante aventureiro, destemido e em busca de melhores condições de vida para a família de origem (Antunes, 1981). O que custa deixar em Portugal, quando se parte ou se pensa em partir, são as ligações, sendo que as mesmas contribuem para o *country embeddedness*. Este dado, remete para o custo social integrado na dimensão de *sacrifício* encontrada por Mitchel *et al.* (2001). Quando pensam em ter filhos, os participantes não deixam de realçar a proximidade familiar como fator preponderante na equação da manutenção no país ou regresso a Portugal (Richardson e McKenna, 2006). Com efeito, os resultados sugerem que o *family embeddedness* (Feld, 1997; Ramesh e Gelfand, 2010), implícito no exposto, pode ocupar um papel preponderante enquanto preditor do *country embeddedness*.

As ligações com o país de destino, vivenciadas pelos residentes no estrangeiro ou cogitadas pelos que permanecem em Portugal, relembram o papel dissuasor que o emaranhamento no país de destino – *host-country embeddedness* - pode desempenhar na decisão de retorno, contribuindo ou não para a diminuição do *home-country embeddedness*. Relembrando os trabalhos de Lo *et al.* (2012), os resultados sugerem que, sendo o conceito de *country embeddedness* distinto da decisão de permanecer ou partir, esta decisão parece ser influenciada, ao menos parcialmente, quer pelo *home-country embeddedness*, quer pelo *host-country embeddedness*. A este respeito, é possível prever a existência de uma correlação negativa entre o *home-country embeddedness* e o *host-country embeddedness*, ou seja, quanto maior o emaranhamento no país de destino, mais ténue será a relação com o país de origem, e vice-versa.

Estes resultados evocam também os trabalhos de Kraimer *et al.* (2012) acerca dos papéis identitários e de Tieler (2012) acerca da alteração das práticas culturais no contexto da adaptação ao país de destino.

Estas ligações, tanto com o país de destino como com o de origem, podem ser entendidas como integrando e estendendo a dimensão de *ligações* apresentada por

Mitchel *et al.* (2001) no contexto do *job embeddedness*. Respondendo ao repto lançado por Zhang *et al.* (2012), os resultados apontam para que não só a quantidade das ligações seja relevante no constructo de *embeddedness*, a natureza das mesmas, as suas qualidade e diversidade parecem também deter um papel relevante.

Ainda nos aspetos individuais, o momento de vida profissional e pessoal parece influir também no *country embeddedness*. Tanto a decisão de ter filhos, já mencionada, como as condições de trabalho e carreira, no contexto de uma amostra jovem qualificada e integrada profissional e academicamente, surgem como influentes no *country embeddedness*. É possível então prever que variáveis como a idade, a composição familiar, o emprego/desemprego e as perspetivas de carreira possam constituir preditores do *country embeddedness* (Feldman e Ng, 2007; Neto, 2010).

No que respeita aos **aspetos culturais e do país**, foi possível verificar que os participantes se sentem ligados a Portugal enquanto país de alma e cultura (De Lange, 2013), enumerando os fatores que para tal contribuem como um emaranhado de conexões. Este facto, corroborando a literatura, evoca a dimensão de *adequação/encaixe (fit)* proposta por Mitchel *et al.* (2001) aquando da teorização do *job embeddedness*.

Os participantes referem a sua ligação com Portugal como sendo favorecida pelas suas características, pela história do país (Lourenço, 1990; Cunha, 1991; Barca, 2007), pelos costumes e hábitos (Tieler, 2012; Crespo, 2011), pela língua (Brito e Martins, 2004) e pela gastronomia, nos quais se sentem emaranhados. Encontram-se vinculados ao local onde nasceram, onde construíram as suas primeiras memórias e, por isso, sentem que este lhes pertence, que é diferente do que encontram noutros países e que nele querem permanecer ou a ele pretendem regressar (Nielsen-Pincus, *et al.*, 2010; Hernández, *et al.*, 2010; Raymond, *et al.*, 2010). O ‘sentir português’ (Carvalho, 2006; Nielsen *et al.*, 200), as características sociais dos portugueses (Rego, 2004) e a sua índole trabalhadora e desenrascada (Tomás, 2013) fazem prever a adequação do país ao ‘eu’ ou do ‘eu’ ao país.

Da forma análoga à positiva, ressaltam os *sentimentos* negativos por Portugal como prejudiciais ao *country embeddedness* e que se relacionam com a desilusão e a frustração (Barnard e Pendock, 2013). Embora sejam encarados como prejudiciais ao *country embeddedness*, contribuindo para o enfraquecimento das forças que ligam os indivíduos a Portugal, estes sentimentos não deixam de, em si mesmos, indicarem um

profundo sentimento de ligação a Portugal, o que pode indiciar a natureza contínua do constructo. Seguindo o mesmo raciocínio, algumas características dos portugueses são também, analogamente às positivas, referidas como prejudiciais ao *country embeddedness*. Percecionadas como identitárias, estas características parecem entrar em confronto com novas formas de pensar, talvez mais cosmopolitas, mais europeias e, pelo menos tradicionalmente, menos portuguesas (Luna-Arocas, Guzmán, Quintanilla e Farghangmehr, 2001), o que corrobora e relaciona o constructo com a sua dimensão conjuntural.

Finalmente, no que concerne aos **aspetos conjunturais**, e, neste caso, aos aspetos que prejudicam o *country embeddedness*, as questões socioeconómicas e a crise em Portugal assumem no contexto atual um papel preponderante. A literatura consultada no âmbito da atual situação socioeconómica portuguesa e da perceção que os portugueses dela têm (Sousa e Triães, 2008; Vitorino e Fernandes, 2000), assim como as características enraizadas do mercado de trabalho português, a realidade e a mentalidade políticas, surgem como fatores que prejudicam o *country embeddedness* dos participantes. Sendo este um dado conjuntural, será de prever que em contextos conjunturais diferentes, por exemplo uma economia em desenvolvimento, estes aspetos possam deter um papel positivo ou neutro no *country embeddedness*.

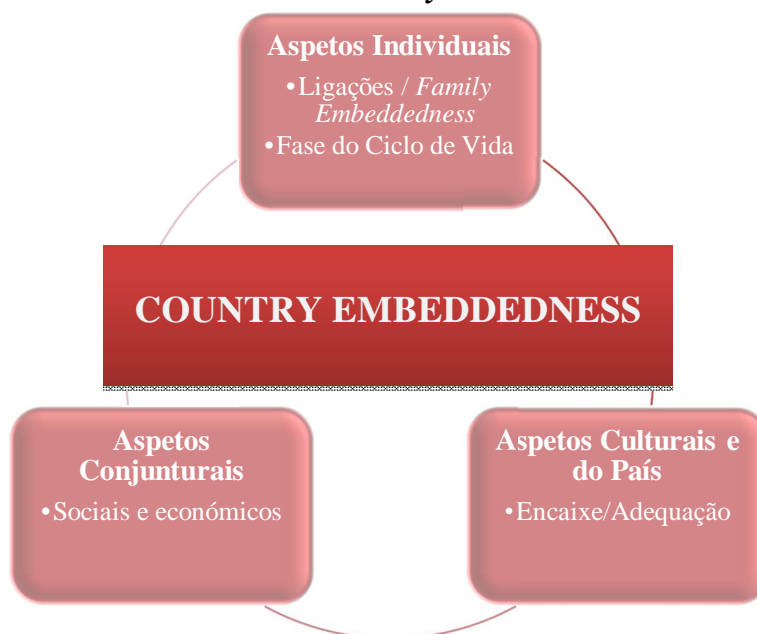
Em síntese, o constructo de *country embeddedness* parece ser constituído por 3 componentes fundamentais: aspetos individuais (nos quais se enquadram as ligações, particularmente o *family embeddedness*, e a fase de ciclo de vida), aspetos culturais e do país (correspondente ao sentimento de encaixe na cultura, nos hábitos, sentires e características do país e dos nacionais) e aspetos conjunturais (sociais e económicos).

Nestes resultados é possível encontrar imbuídas as três dimensões do constructo de *job embeddedness* propostas por Mitchell *et al.* (2001), sendo que as dimensões de *ligações (links)* e de *adequação/encaixe (fit)* são aquelas que detêm maior realce. A dimensão de *sacrifício (sacrifice)* surge apenas na sua vertente social e muito associada à primeira. No entanto, conclui-se que estas três dimensões são insuficientes para explicar a complexidade do conceito quando aplicado ao país de origem. A natureza

simplista da sua definição parece não fazer jus à riqueza do constructo de *country embeddedness*.

As três dimensões concluídas no âmbito do conceito de *country embeddedness* surgem como complexas e dinâmicas, pressupondo-se a sua independência mas também a sua interação. O constructo, em si mesmo, augura-se dinâmico e contínuo, influenciado pela densidade e qualidade das suas dimensões (cf. Imagem 1).

Imagem 1 – Constructo Teórico de *Country Embeddedness* e suas Dimensões



2. Diferenças e Semelhanças no *Country Embeddedness* de residentes em Portugal e no Estrangeiro

Como se observou, os jovens adultos qualificados portugueses, residentes no estrangeiro e em Portugal, parecem ser capazes de identificar forças variadas que os mantêm emaranhados no país, ou seja, apresentam-se como *country embedded*, ainda que o façam em maior ou menor grau, tal como sugere a natureza contínua do constructo. Neste ponto discutir-se-ão as principais diferenças e semelhanças encontradas entre os residentes em Portugal e no estrangeiro, e que vão de encontro às dimensões já discutidas do constructo de *country embeddedness* (aspetos individuais, aspetos culturais e do país, e aspetos conjunturais).

No que respeita aos **aspetos individuais**, as *ligações* ocupam no caso de ambos os grupos um papel preponderante no que concerne ao *country embeddedness* (Hofstede, 1991; Rego, 2004). No entanto, evocando o já discutido a respeito do papel do *host-country embeddedness*, os residentes no estrangeiro evocam as ligações ao país de destino como prejudicando o *home-country embeddedness* com Portugal, reforçando a previsão de uma correlação negativa entre os dois fenómenos.

As questões relacionadas com a fase do ciclo de vida são abordadas por ambos os grupos, sendo que os residentes em Portugal realçam o emprego atual como favorecedor do *country embeddedness*, enquanto os residentes no estrangeiro realçam a natureza do mercado de trabalho português e as condições oferecidas como prejudiciais ao *country embeddedness* com Portugal. Este último dado pode corroborar também o papel que o *host-country embeddedness* parece deter na ligação dos *self-assignees* com o país de origem.

No que respeita aos **aspetos culturais e do país**, no caso dos residentes em Portugal o efeito de recência parece determinar a maior atenção à familiaridade com as dinâmicas e o conforto de se encontrarem no país de origem (Hack-Polay, 2009; Schwartz e Reisberg, 1991), sendo predominante o sentimento de *encaixe/adequação*, da dimensão proposta por Mitchell *et al.* (2001). Este sentimento é menos notório nos residentes no estrangeiro, ainda que permaneça identificável e percebido. O tempo de permanência no exterior poderá ser aqui um fator a atender (Tieler, 2012). Os resultados sugerem que quanto maior o tempo no destino menor o sentimento de *encaixe/adequação*.

No âmbito dos aspetos culturais, os residentes no estrangeiro realçam as características sociais dos portugueses, sendo este o aspeto em que os *self-assignees* mais sentem que se adequam a Portugal. Este dado, corroborando a literatura acerca da tradição emigratória portuguesa (Castelo, 2011; Crespo, 2011; Hofstede, 1991; Rego, 2004), indica também que o facto dos participantes residentes no exterior se manterem *country embedded* com Portugal permite que não só mantenham as suas *ligações*, como se referiu, mas também que tenham maior facilidade em estabelecer novas relações no destino (*host-country embeddedness*). Esta conclusão vai de encontro à sugestão dos resultados de Lo *et al.* (2012) acerca da complexidade da relação entre o *embeddedness*

no país de origem e de destino. Neste estudo, sem dúvida que a necessidade de mais investigação neste domínio é reforçada.

Para os participantes residentes no país o *country embeddedness* é mais favorecido pelo sentimento de vinculação ao lugar, à sua cidade, à sua terra, sentindo-se em casa no país que lhes pertence e a quem pertencem (Hernández *et al.*, 2010; Nielsen-Pincus *et al.*, 2010; Raymond *et al.*, 2010) e procurando ter um papel determinante na melhoria da situação atual (Barnard e Pendock, 2013). Estes resultados confirmam a dimensão de aspetos culturais como incluindo aquela de *encaixe/adequação* de Mitchell *et al.* (2001), embora a ultrapasse em significado.

De forma transversal aos dois grupos, os **aspetos conjunturais**, nomeadamente a situação socioeconómica que o país atravessa, foram identificados como principal elemento prejudicial ao *country embeddedness*, o que corrobora a literatura consultada acerca da perceção dos portugueses da atual situação nacional e das previsões económicas (Farto e Morais, 2011; Sousa e Triães, 2008; Tomás, 2009; Vitorino e Fernandes, 2000).

Em síntese, parece ser possível afirmar que os resultados apontam para que as principais diferenças entre os residentes no estrangeiro e em Portugal no que concerne ao *country embeddedness* e suas dimensões se deve ao efeito que o *host-country embeddedness* pode deter nesta relação. A relação entre o *home-country embeddedness* e o *host-country embeddedness*, corroborando os dados de Lo *et al.* (2012), surge como complexa, bidirecional e consequente.

Conclusão: Limitações e Contributos

No momento particular que atravessamos enquanto país, incluído num contexto de uma Europa e de uma União Europeia que se repensam e de uma crise das maiores potências mundiais que se tenta ultrapassar, a abordagem ao conceito de *country embeddedness* revela-se pertinente e particularmente instigadora. Este estudo, ao debruçar-se sobre a relação de jovens adultos portugueses qualificados com o seu país de origem surge não só como contributo relevante para todos os que se interessam pelo estudo do comportamento humano no contexto económico e político atual de Portugal, mas também como um desafio às empresas portuguesas, que se movem nos territórios nacionais e internacionais, e aos próprios portugueses, para que repensem a relevância que a relação com o país poderá ocupar no que concerne às suas escolhas e às suas práticas.

Importa agora refletir sobre as limitações e os contributos teóricos e empíricos do presente estudo, indicando novos caminhos por explorar.

A natureza exploratória do estudo, implicando uma metodologia qualitativa, com recurso a uma amostra de conveniência, não permite a generalização dos resultados à população portuguesa jovem adulta (Almeida e Freire, 2003). Acresce o facto de a dimensão da amostra limitar a interpretação dos mesmos, no que concerne à exploração de diferenças de género, tempo de permanência no estrangeiro, e à influência do país de destino, que teoricamente seriam interessantes dissecar (Richardson e McKenna, 2006; Kraimer *et al.*, 2012). No que respeita aos métodos de recolha de dados, embora a opção por diferentes métodos possa contribuir para uma maior riqueza e validade dos resultados (Tashakkori e Teddlie, 2010), a opção por entrevistas e *focus group* não afasta os perigos da desejabilidade social, tão difíceis de controlar nestes contextos (Almeida e Freire, 2003).

Assim, em termos futuros, será relevante replicar este estudo numa amostra mais representativa de jovens adultos e de portugueses, no sentido de explorar o fenómeno de *country embeddedness* noutras faixas populacionais, alargando as conclusões à população portuguesa, e de conhecer o papel que outras variáveis individuais parecem deter na expressão do conceito (p.e. idade, emprego/desemprego, composição familiar, perspetivas de carreira...; Feldman e Ng, 2007; Neto, 2010).

Os resultados do presente estudo permitirão ainda construir um instrumento de medida do *country embeddedness*, que se aproxime de forma mais fidedigna às dimensões de aspetos individuais, culturais e do país, e conjunturais e seus constituintes. A criação de um instrumento de autorrelato atendendo e testando estas dimensões, deveria incluir itens desenvolvidos a partir dos relatos já recolhidos. Ainda que não aferisse a riqueza de resultados disponibilizada pelas entrevistas, não as substituindo, o instrumento de autorrelato poderia permitir a confirmação destes resultados como reveladores das forças que favorecem ou prejudicam a relação dos portugueses com Portugal.

Realizado numa versão longitudinal, este estudo permitiria também confirmar o papel dos aspetos conjunturais no *country embeddedness*, assim como a sua natureza dinâmica.

De forma mais específica e direcionada, será fundamental estudar o papel que o *host-country embeddedness* detém no emaranhamento dos indivíduos com o seu país e a relação entre os dois conceitos (*home* e *host-country embeddedness*). Neste âmbito, a validação prévia dos resultados deste estudo, através do instrumento de autorrelato referido, abriria caminho para a sua replicação no caso do *host-country embeddedness* e, consequentemente, para a investigação quantitativa dos dois constructos, de forma independente e associada.

Da mesma forma se sugere a exploração do conceito de *family embeddedness* e do seu papel enquanto preditor do *country embeddedness*. Incluído, neste estudo, nos aspetos individuais do constructo, prevê-se que o *family embeddedness* possa ocupar um papel central nas forças que ligam indivíduos ao país de origem, pelo menos no caso de portugueses. A ponderação da autonomização dos aspetos familiares em relação aos individuais, que neste estudo surge como frágil e pouco fundamentada, merece, ainda assim, pela sua expressão, exploração futura.

Como implicação internacional, e no seguimento do exposto, seria ainda interessante reproduzir o mesmo estudo com outras nacionalidades, especialmente por dois motivos centrais: em primeiro lugar, aferir a especificidade do *country embeddedness* português, explorando a força dos aspetos culturais e do país; e em segundo lugar, comparar o *country embeddedness* de países que atravessam conjunturas mais retracionárias, com outros em desenvolvimento, explorando a força dos aspetos conjunturais.

Independentemente dos caminhos que se abrem, este estudo proporciona por si só alguns contributos relevantes que agora se sumarizam.

Em termos teóricos, o presente estudo contribui para a exploração do constructo de *embeddedness*, em particular do de *country embeddedness*, atribuindo-lhe evidência empírica e distinguindo-o no contexto da investigação em mobilidade internacional. Empiricamente, foram recolhidos e discutidos dados relevantes sobre os portugueses e Portugal, um país onde o constructo de *embeddedness* não havia sido aplicado e no qual as circunstâncias conjunturais atuais são particulares.

Em termos práticos, são de destacar as seguintes implicações:

- Será relevante que as empresas portuguesas e internacionais, em contexto nacional e internacional, que empregam jovens adultos qualificados portugueses tenham em consideração o *country embeddedness* na ponderação dos contratos psicológicos e práticas de recursos humanos. Os fatores que favorecem ou prejudicam a relação do trabalhador com o seu país de origem e de destino poderão ser determinantes relevantes neste contexto.
- Implícita neste estudo está uma clara mensagem dos participantes ao seu país, representado pelo Estado e pelos Decisores Políticos, que aqui poderão encontrar uma reafirmação daquilo que hoje é publicamente reivindicado pela população portuguesa, em Portugal e no estrangeiro. A não identificação com o rumo traçado e em desenvolvimento e com a escassez de oportunidades prejudica claramente o *country embeddedness*, empurrando os portugueses para decisões nem sempre conducentes com a sua vontade.
- No domínio individual e pessoal de cada português a consciência do *country embeddedness*, dos aspetos que o favorecem e prejudicam e da relevância que esta relação e as suas dimensões ocupam na sua vida pode contribuir para o sucesso e a satisfação das suas escolhas.
- Finalmente, no que concerne à investigação, este estudo instaura como viável a aplicação do panorama teórico do *embeddedness* à relação entre os cidadãos e os seus países, instigando à sua exploração e validação empírica em contextos tão diversos quanto a economia e gestão, o comportamento humano e a sociologia.

Bibliografia

- Aldrich, H. E., e Cliff, J. E. (2003), “The pervasive effects of family on entrepreneurship: towards a family embeddedness perspective”, *Journal of Business Venture*, Vol. 18, pp. 573-596.
- Allen, N. J., e Meyer, J. P. (1990), “The measurement and antecedents of affective, continuance, and normative commitment to the organization”, *Journal of Occupational Psychology*, Vol. 63, pp. 1-18.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2003). *Metodologia de investigação em psicologia e educação* (3ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Antunes, M. J. L. (2007), “A decisão de migrar: Portugal como destino de imigração da Europa de Leste na viragem do século”, *Cidades – Comunidades e Territórios*, Nº15, pp.87-100.
- Antunes, M. L. M. (1981), “Migrações, mobilidade social e identidade cultural: factos e hipóteses sobre o caso português”, *Análise Social*, Vol. XVII, Nº 65, pp. 17-27.
- Aziri, B. (2011), “Job satisfaction: a literature review”, *Management Research and Practice*, Vol. 3, Nº 4, pp.77-86.
- Barnard, H., e Pendock, C. (2013), “To share or not to share: the role of affect in knowledge sharing by individuals in a diaspora”, *Journal of International Management*, Vol. 19, pp.47-65.
- Benson, G.S., e Pattie, M. (2008), “Is expatriation good for my career? The impact of expatriate assignments on perceived and actual career outcomes”, *International Journal of Human Resources*, Vol. 19, Nº 9, pp.1353-1663
- Brito, R. H., e Martins, M. de L. (2004), “Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária em contexto lusófono”, *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona da Federação Lusófona de Ciências da Comunicação de São Paulo*, Nº 2, pp-69-77.
- Cabral, M. V. (2003), “A identidade nacional portuguesa: conteúdo e relevância”, *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Vol. 46, Nº 3, pp. 513-533.

- Campos, C. J. G. (2004), “Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde”, *Revista Brasileira de Enfermagem*, Vol. 57, Nº 5, pp.70-81.
- Carvalho, N. (2006, “A saudade na língua portuguesa”, *Confluência*, Vol. 31, pp. 183-192.
- Castelo, C. (2011), “O Modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1962)”, in Nunes, H. B. *et al.* (editores), *O Mundo Continuará a Girar. Prémio Victor de Sá de História Contemporânea, 20 anos (1992-2011)*, pp. 111-116, Conselho Nacional da Universidade do Minho – Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço e Memória.
- Christensen, C., e Harzing, A. (2004), “Expatriate failure: time to abandon the concept?”, *Career Development International*, Vol. 9, Nº 7, pp. 616-626.
- Crespo, C. A. M. (2011), “À Mesa com as Famílias: Rituais Familiares ao Longo do Ciclo de Vida”, in *Temas contemporâneos da intervenção com famílias*, pp.81-102, Porto: LivPsic.
- Cunha, L. (1991), “A nação e o império: a (re)invenção do lugar de Portugal no mundo”, *Cadernos do Noroeste*, Vol. 4, Nº 6, pp. 221-227.
- Delicado, A. (2008), “Cientistas portugueses no estrangeiro: factores de mobilidade e relações de diáspora”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº 58, pp.109-129.
- De Lange, D. E. (2013), “Embedded diasporas: shapping the geographical landscape”, *Journal of International Management*, Vol. 19, pp. 14-25.
- Eisenhardt, K. M., e Graebner, M. E. (2007), “Theory building from cases: opportunities and challenges”, *Academy of Management Journal*, Vol. 50, Nº 1, pp. 25-32.
- Edmonds, B. (1999), “Capturing social embeddedness: a constructivist approach”, *Adaptative Behavior*, Vol. 7, pp. 323-348.
- Feld, S. L. (1997), “Structural embeddedness and stability of interpersonal relations”, *Social Networks*, Vol. 91, pp.91-95.
- Feldman, D. C., and Ng, T. W. H. (2007). "Careers: Mobility, embeddedness, and success." *Journal of Management*, Vol. 33, Nº 3, pp. 350-377.

- Ferraz, C. (2011), “Estarão os expatriados portugueses satisfeitos com a sua expatriação?”, Dissertação de Mestrado em Marketing apresentada à Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica Portuguesa do Porto.
- Gill, P., Stewart, K., Treasure, E., e Chadwinck, B. (2008), “Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus groups, *British Dental Journal*, Vol. 204, Nº 6, pp. 291-295.
- Gill, N. (2013), “Aboriginal pastoralism, social embeddedness, and cultural continuity in central australia”, *Society and Natural Resources: An International Journal*, Vol. 18, Nº 8, pp. 699-714.
- Gondim, S. M. G. (2003), “Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos”, *Paidéia*, Vol. 12, Nº 24, pp.149-161.
- Granovetter, M. (1985), “Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness,” *American Journal of Sociology*, Vol. 91, Nº 3, pp. 481-510.
- Hack-Polay, D. (2009), “Bridging the gap between home and away”, Artigo revisto por pares apresentado na Standing Conference on Organizational Symbolism (SCOS – 8-11 de Julho), Copenhaga e Malmo.
- Hack-Polay, D. (2012), “When Home isn’t Home – a study of homesickness and coping strategies among migrants workers and expatriates”, *International Journal of Psychological Studies*, Vol. 4, Nº 3, pp. 62-72.
- Halbesleben, J. R. B., e Wheeler, A. R. (2008), “The relative roles of engagement and embeddedness in predicting job performance and intention to leave”, *Work & Stress*, Vol. 22, N.º 3, pp. 242-256.
- Harzing, A. (1995), “The persistent myth of high expatriate failure rates”, *Human Resource Management*, Vol. 6, pp. 457-475.
- Hernández, B., Martín, A. M., Ruiz, C., e Hidalgo, M. C. (2010), “The role of place identity and place attachment in breaking environmental protection laws”, *Journal of Environmental Psychology*, Vol. 30, pp. 281-288.
- Hess, M. (2004), “Spatial relationships? Towards a reconceptualization of embeddedness”, *Progress in Human Geography*, Vol. 28, Nº 2, pp. 165-186.
- Hofstede, G. (1991), *Cultures and Organizations: Software of the Mind*, London: McGraw-Hill.
- Hofstede, G. (1997). Entrevista concedida à revista *Executive Digest*, Agosto, p.40-41.

- Instituto Nacional de Estatística – Dossier Pessoas 2011, Dossier Indicadores Sociais 2011, Síntese Económica de Conjuntura Junho de 2013 in www.ine.pt, acedido a 11.08.2013.
- Kraimer, M. L., Shaffer, M. A., Harrison, D. A., e Ren, H. (2012), “No place like home? An identity strain perspective on repatriate turnover”, *Academy of Management Journal*, Vol. 55, Nº 5, pp. 399-420.
- Lee, T. W., Mitchell, T. R., Sablinski, C.J., Burton, J. P. e Holtom, B. C. (2004), “The effects of job embeddedness on organizational citizenship, job performance, volitional absences and voluntary turnover”, *Academy of Management Journal*, Vol.47, N.º 5, pp. 711-722.
- Lewin, A. Y., e Zhong, X. (2013), “The evolving diaspora of talent: a perspective on trends and implications of sourcing science and engineering work”, *Journal of International Management*, Vol. 19, pp. 6-13.
- Lewin, K. (1951), *Field theory in social science*, New York: Harper.
- Lo, K. I. H., Wong, I. A., Yam, C. M. R., e Whitfield, R. (2012), “Examining the impacts of community and organization embeddedness on self-initiated expatriates: the moderating role of expatriate-dominated private sector”, *The International Journal of Human Resource Management*, Vol. 3, nº 20, pp.4211-4230.
- Lourenço, E. (1990), *Nós e a Europa ou as Duas Razões*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Luna-Arocas, R., Guzmán, G., Quintanilla, I. e Farghangmehr, M. (2001), “The euro and european identity: the spanish and portuguese case”, *Journal of Economic Psychology*, Vol. 22, pp. 441-460.
- Mazzarol, T., e Soutar, G. N. (2002), “Push-pull factors influencing student destination choice”, *International Journal of Educational Management*, Vol.16, Nº 2, pp.82-90.
- Meyer, K. E, Mudambi, R., e Narula, R. (2011), “Multinational enterprises and the local contexts: the opportunities and challenges of multiple embeddedness”, *Journal of Management Studies*, Vol. 48, Nº 2, pp. 235-252.
- Mitchell, T. R., Holtom, B. C., Lee, T. W., Sablinski, C. J., e Erez, M. (2001), "Why people stay: Using job embeddedness to predict voluntary turnover", *Academy of Management Journal*, Vol. 44, Nº 6, pp.1102-1121.

- Moody, J., e White, D. R. (2003), “Structural cohesion and embeddedness: a hierarchical concept of social groups”, *American Social Review*, Vol. 68, Nº 1, pp.103-127.
- Moraes, R. (1999), “Análise de conteúdo”, *Revista Educação*, Vol. 22, Nº 37, pp. 7-32.
- Müller-Peters, A: (1993), “The significance of national pride and national identity to the attitude toward the single european currency: a Europe-wide comparison”, *Journal of Economic Psychology*, Vol. 19, pp.701-719.
- Neto, T. C. C. (2010), “A expatriação de colaboradores portugueses no Banco Santander Totta: perspectiva da empresa e do expatriado”, Relatório de Projeto de Mestrado em Gestão apresentado à INDEG – Business School do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Ng, T. N. H. e Feldman, D. C. (2009), “Occupational embeddedness and job performance”, *Journal of Organizational Behavior*, Vol. 30, pp.863-891.
- Nielsen, C. S., Soares, A. M., e Machado, C. P. (2009), “The cultural metaphor revisited: exploring dimensions, complexities and paradoxes through portuguese Fado”, *International Journal of Cross Cultural Management*, Vol. 9, Nº 2, pp.289-308.
- Nielsen-Pincus, M., Hall, T., Force, J. E., e Wulfhorst, J. D. (2010), “Sociodemographic effects on place bonding”, *Journal of Environmental Psychology*, Vol. 30, 443-454.
- Nonaka, I. e Takeuchi, H. (1991), *Criação do Conhecimento na Empresa: Como as Empresas geram a Dinâmica da Inovação*, Rio de Janeiro: Campus.
- Peixoto, J. (2006), “The international mobility of highly skilled workers in transnational corporations: the macro and micro factors of the organizational migration of cadres”, *International Migration Review*, Vol. 35, Nº 4, pp. 1030-1053.
- Peltokorpi, V. (2013), “Job embeddedness in Japanese organizations”, *The International Journal of Human Resource Management*, Vol. 24, Nº 8, pp.1551-1569.
- Pinto, L. H., Cabral-Cardoso, C. e Werther Jr., W. B. (2012), “Adjustment elusiveness: an empirical investigation of the effects of cross-cultural adjustment on general assignment satisfaction and withdrawal intentions”, *International Journal of Intercultural Relations*, Vol. 36, 188-199.

- Portes, A., e Sensenbrenner, J. (1993), “Embeddedness and immigration: notes on the social determinants of economic action”, *The Academic Journal of Sociology*, Vol. 98, Nº 6, pp. 1320-1350.
- Rai, A., Maruping, L. M., e Venkatesh, V. (2009), “Offshore information systems project success: the role of social embeddedness and cultural characteristics”, *MIS Quarterly*, Vol. 33, Nº 3, pp. 617-641.
- Ramesh, A., e Gelfand, M. J. (2010), “Will they stay or will they go? The role of job embeddedness in predicting turnover on individualistic and collectivistic cultures”, *Journal of Applied Psychology*, Vol. 95, Nº 5, pp. 807-823.
- Raymond, C. M., Brown, G., e Weber, D. (2010), “The measurement of place attachment: personal, community and environmental connections”, *Journal of Environmental Psychology*, Vol. 30, pp. 422-434.
- Reiche, B., S., Kraimer, M. L., e Harzing, A. (2011), “Why do international assignees stay? An organizational embeddedness perspective”, *Journal of International Business Studies*, Vol. 42, pp. 521-544.
- Rego, A. (2004), “Uma visão peculiar sobre a cultura nacional: a ‘Tourada Portuguesa’ como metáfora”, *Gestão e Desenvolvimento*, Vol. 12, pp.105-121.
- Richardson, J., e McKenna, S. (2006), “Exploring relationships with home and host countries: a study of self-directed expatriates”, *Cross Cultural Management: An International Journal*, Vol. 13, Nº 1, pp. 6-22.
- Schwartz, B., & Reisberg, D. (1991), *Learning and memory*, New York: W.W. Norton.
- Schwartz, S. H. (2009). “Causes of culture: national differences in cultural embeddedness”, in Gari, A., e Mylonas, K. (editores), *Q.E.D. From Herodotus’ Ethnographic Journeys to Cross-Cultural Research*, Cambridge, MA: Pedia Electronic Publishing.
- Shen, Y., e Hall, D. T. (2009), “When expatriates explore other options: Retaining talent through greater job embeddedness and repatriation adjustment”, *Human Resource Management*, Vol. 48, Nº 5, pp.793-816.
- Sousa, L., e Triães, J. (2008), *Corrupção e os Portugueses – atitudes, práticas e valores*, Cascais, Portugal: Edições Rui Costa Pinto.

- Tanova, C., e Holtom, B. C. (2008), “Using job embeddedness factors to explain voluntary turnover in four European countries”, *The International Journal of Human Resources Management*, Vol. 19, Nº 9, pp. 1553-1568.
- Tajfel, H. (1974), “Social Identity and intergroup behaviour”, *Social Science Information*, Vol. 13, Nº 2, pp. 65-93.
- Tashakkori, A., e Teddlie, C. (2010), *Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research*, North America: Sage Publications.
- Thorne, L., e Saunders, S. B. (2002), “The socio-cultural embeddedness of individual’s ethical reasoning in organizations (cross-cultural ethics)”, *Journal of Business Ethics*, Vol. 35, pp.1-14.
- Tieler, N. C. (2012), “Diasbola: futebol e emigração portuguesa”, *Etnográfica*, Vol. 16, Nº 1, pp. 77-96.
- Tomás, J. (2009), “Expatriação em recém-licenciados: um trajecto profissional aproveitado ou ambicionado? Projecto de investigação em atitudes culturais e âncoras de carreira”, *Dissertação do Mestrado Integrado em Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações*, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Tomás, J. (2013), *Ensaio sobre o imaginário marítimo dos portugueses*, Braga: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- van Knippenberg, D. V. e Sleafos, E. (2006), “Organizational identification and organizational commitment: self-definition, social exchange, and job attitudes”, *Journal of Organizational Behaviour*, Vol. 27, pp. 571-584.
- Vitorino, A, e Fernandes, M. J. B. (2000), “A representação da crise política em Portugal”, *Análise Social*, Vol. XXXIV, Nº 154, pp.259-313.
- Waldinger, R. (1995), “The other side of embeddedness: a case-study of the interplay of economy and ethnicity”, *Ethnic and Racial Studies*, Vol. 18, Nº 3, pp. 555-580.
- Weir, D., e Hutchings, K. (2005), “Cultural embeddedness and contextual constraints: knowledge sharing in Chinese and Arab cultures”, *Knowledge and Process Management*, Vol. 12, Nº 2, pp. 89-98.
- Yang, C., Ma, Q., e Hu, L. (2011), “Job embeddedness: a new perspective to predict voluntary turnover”, *Nankai Business Review International*, Vol. 2, Nº 4, 418-446.

Zhang, M., Fried, D. D., and Griffeth, R. W. (2012), "A review of job embeddedness: Conceptual, measurement issues, and directions for future research", *Human Resource Management Review*, Vol. 22, N° 3, pp. 220-231.

Anexos

Anexo I

a. Questionário Sociodemográfico

Código Sujeito _____

Data _____

Autorização para gravar o áudio e transcrever integralmente: ____

Autorização para citar: ____

Confidencialidade dos dados: ____

Nome	
Idade	
Nacionalidade e Naturalidade	
Nacionalidade dos Pais/Outros Próximos	
Estado Civil	Solteiro/sem relação significativa ____ Solteiro/com relação significativa ____ Casado ____ União de Facto ____ Divorciado/Separado ____ Viúvo ____
Situação Familiar	Isolado sem Filhos ____ Isolado com Filhos ____ Nuclear sem Filhos ____ Nuclear com Filhos ____ Alargada ____ Extensa ____
Profissão	
Habilitações Académicas	12º ano/técnico-profissional nível 4 ____ Licenciatura ____ Mestrado ____ Doutoramento ____
Cidade Natal; Região do País de Origem	
Há quanto tempo está fora?	
O que motivou a decisão de ir?	
País de Destino	
É a primeira vez que vai? Experiências Internacionais Anteriores	

b. Guião de Entrevista

Aspetos a Abordar	Questões
Exploração da Ligação a Portugal; Country embeddedness	Sente-se ligado a Portugal? Como? Porquê?
	Qual é a sua ligação a Portugal?
	Assumindo que está no melhor dos países, com as pessoas que lhe são queridas, sem que lhe falte nada, o que o ligaria a Portugal?
	Como descreveria essa ligação? Como descreveria a sua ligação com Portugal?
	O que pensa quando pensa em Portugal? Porquê?
	Onde gostava de se reformar? Porquê?
	Onde gostava de passar os últimos dias da sua vida? Porquê?
	Quais são o aspetos que consegue identificar que reforçam a sua ligação com Portugal? Porquê?
	Onde gostaria que o recordassem quando morresse? Porquê?
	O que o levou a sair/querer sair/pensar sair de Portugal? Porquê?
	O que é/foi necessário para concretizar essa decisão. Porquê? O que poderia ter evitado essa decisão? Porquê
	O que retém/poderia ter retido/poderá vir a reter as pessoas consoante o seu estado _ já saíram, pensam sair ou estão fora.

Ligação e Dimensões; perspetiva das forças	O que acha que alimenta essa ligação que sente? Porquê? Como?
	Recorda-se da primeira vez que se lembra “ser Português”? Quando foi? Porquê?
	O que a prejudica? O que a beneficia?
	Quais as forças que o ligam a Portugal?
	Elas têm todas a mesma expressão ou alguns aspetos pesam mais do que outros? Porquê?
	Imaginando Portugal como um puzzle, consegue imaginar-se como uma das suas peças? Porquê?
	Há pessoas que referem sentir que Portugal é o seu lugar... Que sentem que encaixam na perfeição no país. O que acontece consigo? Sente que se adequa a Portugal?
	Porquê?
	Como vivencia essa ligação? Recorda-se de algum exemplo que ilustre esta ligação?
	Em que aspetos sente que é compatível ou congruente com Portugal? Estamos a falar em aspetos tão diversos quanto interesses, valores, hábitos, práticas, planos para o futuro...
	Porquê?
	Recorda-se de algum exemplo que sustente essa (in)compatibilidade?
	Gostava agora que me falasse das relações interpessoais que mantém em Portugal... (explorar família, amigos, trabalho, grupos sociais e religiosos...)

Ligação e Dimensões; perspetiva das forças	Sente que estas diferentes relações são uma das forças que o liga a Portugal? Em que medida? Porquê?
	Seria/foi fácil para si deixar Portugal? O que lhe custaria/custou ao sair de Portugal?
	Como poderia colmatar esse <i>gap</i> ? (ou colmata) Porquê?
	O que mais detesta fora de Portugal?
	O que mais o surpreendeu? Porquê?
	Se tivesse de descrever aquilo que considerava/considerou que perderia/perdeu ao sair de Portugal, que aspetos referiria?
	Esses aspetos assumem todos a mesma relevância ou considera existir uma hierarquia, sendo uns mais relevantes do que outros? Quais? Porquê?

Anexo II

Tabela IIa – Nº de Participantes com unidades de análise cotadas na categoria principal Ligação e subordinadas

CATEGORIA				RE*	RP**	T***	
Ligação				10	16	26	
Aspetos que favorecem a ligação ao país				10	16	26	
Aspetos Culturais				10	16	26	
	Características dos Portugueses			10	14	24	
		Desenrasque e Adaptação		2	6	8	
		Equilíbrio e Calma		1	5	6	
		Esperança		1	2	3	
		Espírito Lutador e Trabalhador		2	7	9	
		Humildade e Integridade		0	4	4	
		Insatisfação e Pessimismo		0	2	2	
		Sentir Português		5	3	8	
		Simpatia e Hospitalidade		7	11	18	
		Solidariedade		3	5	8	
	Gastronomia			9	13	22	
	Hábitos e Costumes			9	9	18	
		De Lazer		6	8	14	
			Futebol	5	8	13	
		Religiosos		1	2	3	
		Sociais		6	2	8	
			Momento da Refeição	5	2	7	
	História de Portugal			5	3	8	
	Língua			10	10	20	
	Literatura			2	2	4	
	Música			2	4	6	
Aspetos Físicos e Geográficos				10	12	22	
	Clima			9	11	20	
	Dimensão e Localização Geográfica			1	2	3	
	Paisagens Físicas			4	10	14	
Aspetos Individuais				10	16	26	
	Lugares Específicos			9	14	23	
		Casa Própria ou de Familiares		2	5	7	
		Cidade Natal		4	8	10	
	Memórias			6	5	11	
	Pessoas			10	16	26	
		Família		10	13	23	
		Amigos		10	13	23	
		Namorado/a		3	5	8	
		Contactos Portugueses no Estrangeiro		5	2	7	
	Sentimentos por Portugal			10	16	26	
		Amor e Entrosamento		5	10	15	
			Orgulho	3	6	9	
		Portugal como o seu lugar		10	15	25	
			Interesse em saber o que se passa		5	3	8
			Sentimento de Casa		5	9	14
		Vontade de ficar/voltar a Portugal		8	11	19	

			Vontade de ser recordado em Portugal	1	2	3
		Portugal como parte de si		10	14	24
			Relação Imutável	3	10	13
			Sentido de Missão	2	5	7
		Sentimento de ser português		9	14	23
			1ª vez	5	9	14
			Última vez	8	6	14
			No estrangeiro	6	5	11
Aspetos Socioeconómicos e laborais				3	10	13
	Emprego Atual e Prospeção de Carreira			1	7	8
	Funcionamento da Sociedade			2	4	6
Aspetos que prejudicam a ligação ao país				9	16	25
Características dos portugueses				6	14	20
	Falta de participação e proatividade			3	8	11
	Má-língua e Mesquinhez			4	7	11
	Mentalidade Fechada e Retrógrada			3	8	11
	Pessimismo			4	1	5
	Tendência para desrespeitar as regras			2	5	7
Aspetos Individuais				8	12	20
	Residir noutro país			8	6	14
		Conhecer outros países e culturas		3	5	8
		Distância Física e Emocional de Portugal por estar fora		7	1	8
		Identificação com o país de destino		6	3	9
	Sentimentos negativos por Portugal			3	9	12
		Desilusão e Vergonha		1	4	5
		Impotência e Frustração		2	3	5
		Injustiça e Revolta		1	6	7
		Rejeição e Expulsão		1	1	2
Aspetos Socioeconómicos e políticos				8	14	22
	Conjuntura Socioeconómica Atual			8	9	17
		Falta de perspetiva de futuro		2	5	7
	Mercado de Trabalho			5	5	10
		Condições de Trabalho		4	5	9
		Cultura Empresarial		2	0	2
		Pouca especialização		2	0	2
	Questões Políticas			4	9	13
		Mentalidade política		3	6	9

*N RP=16, N RE =10

Tabela IIb – N° de Participantes com unidades de análise cotadas na categoria principal Retenção e subordinadas

CATEGORIA			RE*	RP**	T***
Retenção			10	16	26
Aspetos que favorecem a retenção no país			5	16	21
Aspetos Individuais			3	14	17
	Pessoas		3	11	14
		Família	2	9	11
		Amigos	0	5	5
		Namorado	1	2	3
	Experiências Internacionais Anteriores		0	2	2
	Projeto de ter Filhos		0	4	4
	Receios		0	4	4
	Sentimentos por Portugal		0	11	11
		Comodismo/Conforto	0	7	7
		Esperança no País e nas Pessoas	0	6	6
Questões Socioeconómicas e Laborais			1	14	15
	Condições Económicas Atuais		0	5	5
	Finalização de formação académica		0	2	2
	Trabalho		1	11	12
		Emprego Atual	1	9	10
		Possível Oportunidade Profissional	0	3	3
		Qualidade da Formação e Prática Profissional	0	1	1
Fatores que prejudicam a retenção no país			10	15	25
Aspetos relacionados com o País de Destino			4	5	9
	Clima		1	1	2
	Conhecidos ou Família no Destino		2	3	5
	Experiência Anterior		1	1	2
Aspetos Individuais			9	10	19
	Espírito de Aventura		9	6	15
	Impossibilidade de cumprir projeto de vida em Portugal		2	3	5
	Passar os últimos dias da vida		1	5	6
	Pessoas		2	3	5
	Vontade de autonomização/emancipação		3	2	5
Aspetos Socioeconómicas ou políticas			9	13	22
	Falta de oportunidades em Portugal		9	13	22
	Gestão Política em Portugal		0	4	4
	Mentalidade Política em Portugal		0	4	4
	Questões Económicas		3	7	10

*N RP=16, N RE =1

Tabela IIc – Nº de Participantes com unidades de análise cotadas na categoria principal Retorno e subordinadas

CATEGORIA			R*	RP**	T***
Retorno			10	9	19
Aspetos que favorecem o retorno ao país			9	6	15
Aspetos Individuais			9	6	15
	Pessoas		5	1	6
		Família	2	0	2
		Amigos	4	0	4
	Projeto de ter filhos		6	0	6
		Educação e Valores	6	0	6
		Saúde	1	0	1
		Ensino	4	0	4
		Proximidade Familiar	4	0	4
		Proximidade Cultural	3	0	3
		Preconceito Emigrante	1	0	1
	Projeto de Vida a Médio Prazo		2	0	2
	Sentimentos de Pertença/Casa		3	0	3
	Passar os últimos dias da vida		5	5	10
Aspetos relacionados com o País			5	0	5
	Possível oportunidade profissional		2	0	2
	Qualidade de Vida em Portugal		3	0	3
Aspetos que prejudicam o retorno ao país			10	5	15
Aspetos Individuais			8	2	10
	Cônjuge/Namorado		2	0	2
	Emigração com ideia de não voltar		0	1	1
	Espírito de Aventura		3	0	3
	Nova rede de relações		5	0	5
	Projeto de ter filhos		3	1	4
	Sensação de que vai ser diferente		3	0	3
Aspetos relacionados com o País de Destino			10	2	12
	Condições Laborais e Económicas		9	0	9
		Construir uma almofada financeira	2	0	2
		Emprego Atual	5	0	5
		Perspetiva de Carreira	7	0	7
		Qualidade de Vida	1	0	1
	Facilidade de Deslocação a Portugal		4	2	6
	Sentimento de Bem-Estar		4	0	4
Crise em Portugal			7	0	7

*N RP=16, N RE =10